

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE MEDICINA
MESTRADO PROFISSIONAL EM PROMOÇÃO DA SAÚDE E
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA



Escola Municipal Oswaldo Cruz
Belo Horizonte

Kleber Rangel Silva¹

**Encontros e diálogos na escola: Promoção da Saúde e Prevenção da Violência
entre adolescentes**

Belo Horizonte

2014

¹ Cidade Administrativa de Minas Gerais, Edifício Minas, Rodovia Prof. Américo Gianetti B.: Serra Verde, nº 4143, Belo Horizonte (MG), Secretaria de Estado da Saúde, Diretoria de Promoção da Saúde e de Agravos Não Transmissíveis.

Av. Prof. Alfredo Balena, 190, Belo Horizonte (MG), Brasil – Cep 30130-100 – Tel.: +55 0 31 3409-9300 – Núcleo de Promoção da Saúde e Paz. <http://medicina.ufmg.br/cpg/programas/pspv/index.php>

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Medicina
Programa de Pós-Graduação Promoção de Saúde e Prevenção da Violência

Kleber Rangel Silva

**ENCONTROS E DIÁLOGOS NA ESCOLA:
PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE
ADOLESCENTES**

Belo Horizonte
2014

Kleber Rangel Silva

**ENCONTROS E DIÁLOGOS NA ESCOLA: PROMOÇÃO DA SAÚDE E
PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.

Orientadora: Profa. Dra. Elza Machado de Melo

Belo Horizonte

2014

Silva, Kleber Rangel.
SI586e Encontros e diálogos na escola [manuscrito]: promoção da saúde e prevenção da violência entre adolescentes. / Kleber Rangel Silva. -- Belo Horizonte: 2014.
92f.: il.
Orientador (a): Elza Machado de Melo.
Área de concentração: Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.
Dissertação (mestrado): Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina.
1. Comunicação. 2. Serviços de Saúde Escolar. 3. Violência. 4. Instituições Acadêmicas. 5. Dissertação Acadêmica. I. Melo, Elza Machado de. II. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina. III. Título.

KLEBER RANGEL SILVA

ENCONTROS E DIÁLOGOS NA ESCOLA:

PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência.

Orientadora: Profa. Dra. Elza Machado de Melo

Banca Examinadora

Profa. Dra. Elza Machado de Melo – orientadora

Profa. Dra. Andrea Maria Silveira

Profa. Dra. Jandira Maciel da Silva

Aprovado em: ____/____/____



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO KLEBER RANGEL SILVA - 2011715193

Realizou-se, no dia 30 de janeiro de 2014, às 09:00 horas, Faculdade de Medicina, 5º andar, sala 526, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada *ENCONTROS E DIÁLOGOS NA ESCOLA: PROMOÇÃO DA SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES*, apresentada por KLEBER RANGEL SILVA, número de registro 2011715193, graduado no curso de FONOAUDIOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Elza Machado de Melo - Orientadora (UFMG), Prof(a). Andréa Maria Silveira (UFMG), Prof(a). Jandira Maciel da Silva (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 30 de janeiro de 2014.


Prof(a). Elza Machado de Melo (Doutora)


Prof(a). Andréa Maria Silveira (Doutora)


Prof(a). Jandira Maciel da Silva (Doutor)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Reitor

Prof. Clélio Campolina Diniz

Vice-Reitora

Prof.^a Rocksane de Carvalho Norton

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Ricardo Santiago Gomez

Pró-Reitor de Pesquisa

Prof. Renato de Lima Santos

FACULDADE DE MEDICINA

Diretor

Prof. Francisco José Penna

Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social

Prof. Antônio Leite Alves Radicchi

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROMOÇÃO DE SAÚDE E PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Coordenadora

Prof.^a Elza Machado de Melo

Colegiado

Prof. Victor Hugo de Melo – Titular

Prof. Tarcísio Márcio Magalhães Pinheiro – Suplente

Prof.^a Eliane Dias Gontijo – Titular

Prof.^a Eugênia Ribeiro Valadares – Suplente

Prof.^a Andrea Maria Silveira – Titular

Prof.^a Stela Maris Aguiar Lemos – Suplente

Prof.^a Elizabeth Costa Dias – Titular

Prof.^a Cristiane Gomes Cury – Titular

Prof. Paulo Roberto Ceccarelli – Suplente

Prof. Antônio Leite Alves Radicchi – Titular

Prof.^a Izabel Christina Friche Passos – Suplente

Representante Discente

Kleber Rangel Silva – Titular

Plínio Lucius – Suplente

DEDICATÓRIA

Este trabalho é dedicado ao meu pai (in memoriam) que me ensinou sobre a importância dos estudos e me transmitiu o desejo de aprender sempre.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu pai, Antônio (*in memoriam*), por todo o esforço dedicado ao longo de sua vida para prover uma boa educação a seus filhos.

Agradeço à minha mãe, Maria, por todo amor e educação afetiva dedicada aos filhos.

Agradeço aos meus irmãos, Silvano e Emerson, por dar carinho e apoio constantes e, também, por compreender minhas ausências.

Com todo o meu amor, agradeço à minha namorada, Janaina, pelo incentivo, força, companhia e paciência, imprescindíveis para que eu conseguisse realizar este trabalho.

Agradeço a todos os amigos da Diretoria de Promoção da Saúde e de Agravos Não Transmissíveis, da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, na pessoa de nossa diretora, Daniela, pelo incentivo para a realização do Mestrado, pois, sem essa compreensão, não teria conseguido concluí-lo.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Promoção de Saúde e Prevenção da Violência, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM/UFMG), pela oportunidade de cursar o Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência e ao qual desejo muito sucesso e vida longa.

Agradeço, com ênfase, à minha orientadora, professora e mestra, Elza Machado de Melo, pela oportunidade, dedicação ao labor acadêmico e intelectual e, principalmente, por apostar em mim até o último momento, contribuindo de maneira decisiva para minha formação.

Agradeço a todos os colegas da primeira turma do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela acolhida e convivência prazerosa. Desejo muito sucesso a todos vocês.

Agradeço aos colegas da disciplina de grupos de orientação pelas contribuições valiosas a este trabalho, dentre as quais destaco a professora Márcia. Muito obrigado a vocês.

Agradeço, de modo muito especial, aos integrantes do meu grupo de oficina *Paz e Poesia*, do Projeto *Frutos do Morro*: Maria, Carina, Bruna, Gregório, Carmelina, Marinês e William. Dedico a vocês a minha eterna gratidão.

Agradeço à Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC) por ter acolhido prontamente a proposta de realização desta pesquisa. E agradeço, de maneira enfática, a participação dos alunos Aline, Fernanda, Débora, Thamires, Rakel, Cleisielle, Fabiane, Caroline, Larissa, Maysa, Gustavo e João, pela oportunidade de compartilharem um pouco de suas vidas conosco.

Este é um trabalho que “apenas” foi escrito por mim, mas que, na verdade, foi realizado por muitas pessoas, transformando-o em uma bela experiência de aprendizado coletivo.

Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)

Marcelo Yuka

A minha alma tá armada e apontada
Para cara do sossego.
Pois paz sem voz, paz sem voz
Não é paz, é medo.
Às vezes eu falo com a vida,
Às vezes é ela quem diz:
Qual a paz que eu não quero conservar,
Pra tentar ser feliz?

As grades do condomínio
São pra trazer proteção
Mas também trazem a dúvida
Se é você que tá nessa prisão.
Me abrace e me dê um beijo,
Faça um filho comigo,
Mas não me deixe sentar na poltrona
No dia de domingo.
Procurando novas drogas de aluguel,
Neste vídeo coagido.
É pela paz que eu não quero seguir.
É pela paz que eu não quero seguir.
É pela paz que eu não quero seguir

Admitindo.

RESUMO

Este estudo apresenta pesquisa realizada no âmbito do Projeto de Extensão Universitária *Frutos do Morro*, do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM/UFMG). Possui como objetivo compreender reflexivamente os sentidos atribuídos à violência por um grupo de adolescentes do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte (MG), na perspectiva da Promoção da Saúde e à luz da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas. Partindo da tese habermasiana da colonização do mundo da vida pelo sistema, compreende-se o fenômeno da violência como a expressão de sua função mediadora das relações sociais em substituição ao reconhecimento intersubjetivo mediado linguisticamente. Foram selecionados 12 adolescentes (10 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) de uma escola pública municipal do Aglomerado Urbano Morro das Pedras, localizada em Belo Horizonte (MG). Foram realizados 13 encontros (oficinas) e os dados foram coletados por meio das técnicas de pesquisa observação participante e diário de campo. Trata-se de estudo qualitativo em que foi empregado o método hermenêutico-dialético para a análise de dados. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa COEP da UFMG, sob o parecer de número ETIC 355/09. A realização das oficinas representou a possibilidade de reconstruir os laços sociais por meio de metodologia participativa e o restabelecimento das relações dialógicas para o reconhecimento intersubjetivo com base na solidariedade entre os adolescentes. Portanto, esta é compreendida como uma estratégia de promoção da saúde, prevenção à violência e construção de uma cultura de paz na escola. Nos encontros foram abordados fragmentos do mundo da vida desses sujeitos expressos em temas, como racismo, trabalho, relações familiares, exclusão social e pobreza. Percebeu-se que o contexto de violência estrutural e simbólica não exclui a possibilidade de realizar ações solidárias coordenadas de forma coletiva. Os resultados da pesquisa também apontam para a necessidade de maior integração entre os atores da comunidade escolar, bem como para uma efetiva articulação em rede entre a escola e os serviços de saúde localizados em seu território.

Palavras-chave: Teoria da Ação Comunicativa; Promoção da Saúde; Violência; Escola.

ABSTRACT

This study presents a research conducted under the University Extension Project *Frutos do Morro*, of the Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (FM/UFMG). It has aimed reflexively to understand the meanings attributed to violence by a group of high school students in a public school in Belo Horizonte (MG), in the perspective of health promotion and Habermas' Theory of Communicative Action. Starting from the thesis of Habermas' colonization of the lifeworld by the system, it understands the phenomenon of violence as an expression of their mediating role of social relationships in replacement of intersubjective recognition linguistically mediated. Twelve adolescents (10 females and 2 males) were selected from a public school of Urban Agglomerate Morro das Pedras, located in Belo Horizonte (MG). Thirteen meetings (workshops) were conducted and data were collected through participant observation research techniques and field diaries. This is a qualitative study in which we employed the hermeneutic-dialectic method for data analysis. The implementation of the workshops represented the possibility of rebuilding social bonds through participatory methodology and the restoration of dialogical relations for intersubjective recognition based on solidarity among teenagers. So this is understood as a strategy for health promotion, prevention of violence and building a culture of peace at school. The encounters fragments of the life world of these subjects expressed in themes such as these: racism, work, family relationships, social exclusion and poverty. The survey results also point to the need for greater integration among the actors of the school community, as well as for a more effective integration of the school and health services located in their territory.

Key words: Communicative Action; Health Promotion; Violence; School.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Realização da oficina Dinâmica da Teia	33
Figura 2. Realização da oficina Contrato de Convivência.....	33
Figura 3. Representação da palavra “paz” construída com bombons durante a realização de oficina.....	33

PREFÁCIO

**“A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é
para corrigir essa distância que a
literatura nos importa.”
Roland Barthes**

“Cada livro tem a sua história para além do que está escrito em suas páginas”. Na introdução de seu livro *A Saúde Persecutória: Os Limites da Responsabilidade*, Luis David Castiel nos lembra que essa afirmação também é válida para os trabalhos acadêmicos, embora, em sua esmagadora maioria, essas narrativas “ocultas” não sejam mencionadas. Os trabalhos acadêmicos e científicos são marcados por um fetiche “objetivante”, que muitas vezes não possuem, e Castiel conclui que:

“...essa é a marca da ciência, que é o sistema de pensamento hegemônico de nossa contemporaneidade, sobretudo devido ao advento do progresso industrial, do capitalismo e da construção social dos riscos (e a necessidade de seu controle pela própria ciência) inerentes ao desenvolvimento tecnológico com graves consequências aos ecossistemas e à saúde humana”.

Não é o caso deste trabalho, em que a história presente nas entrelinhas interessa, e muito. Aqui, relatarei um pouco do contexto histórico e de minha relação afetiva com o projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*, o qual deu origem a esta pesquisa.

Quando era estudante de graduação do curso de Fonoaudiologia participei do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*, pertencente ao Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (DMPS/FM/UFMG).

O projeto *Frutos do Morro*, cujas ações consistem na atuação com adolescentes em escolas localizadas em regiões de risco de violência na periferia de Belo Horizonte (MG) por meio de práticas interativas (oficinas de educação popular em saúde) e cujo objetivo é a promoção da saúde e a prevenção de violência, é coordenado pela Profa. Dra. Elza Machado de Melo. As ações desenvolvidas no projeto deram origem ao Núcleo de Promoção da Saúde e Paz da Faculdade de Medicina da UFMG.

Foi uma experiência bastante intensa em que pude vivenciar “na prática” a trinca formada pelos pilares da universidade pública: o ensino, a pesquisa e a extensão. Foi uma

imersão na realidade social e concreta por meio da realização de oficinas semanais, que não só influenciaram a minha formação acadêmica, como também a escolha profissional pela Saúde Pública. Minha participação no projeto ocorreu em um momento muito oportuno de vida na universidade como um todo e, em particular, no curso de Fonoaudiologia. O movimento estudantil, com a eleição do governo Lula, vivia momentos de renovada efervescência e minha inserção nesses espaços de debates, que culminaram com a constituição do Diretório Acadêmico (D.A.) do curso de Fonoaudiologia, permitiram-me compreender melhor esse momento histórico. Foi em uma fase, também, em que me encontrava desiludido com o currículo excessivamente clínico do curso e a aproximação com o *Frutos do Morro* trouxe-me novo ânimo, sobretudo em razão do referencial do projeto: a Teoria da Ação Comunicativa, de Habermas. Esta foi uma descoberta, de fato, iluminadora, pois estava entrando em contato com uma teoria explicativa da sociedade moderna, que possuía como base as interações intersubjetivas mediadas linguisticamente para a formulação de consensos, ou seja, a linguagem e a comunicação – que também são objetos de estudo da Fonoaudiologia, mas que eu não via no meu curso com essa abordagem. Assim, esse fato me redimi com a Fonoaudiologia e consegui não só melhorar meu rendimento nas disciplinas, mas também me com as ações do projeto.

Isso está diretamente relacionado à maneira afetuosa e acolhedora com que a professora Elza nos recebe, tornando-nos, desde o início, corresponsáveis pelas ações do projeto.

Foi por meio da atuação no projeto que também desenvolvi minha pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação, com a orientação da Profa. Stela Maris Aguiar Lemos e coorientação da Profa. Elza Machado de Melo. A pesquisa foi realizada em uma das escolas contempladas pelo projeto *Frutos do Morro*. Pesquisei as dificuldades de comunicação presentes na relação professor/estudante e estudante/professor, aproximando-me do referencial teórico do Agir Comunicativo de Habermas.

Após a graduação, optei por dedicar-me à minha formação em Saúde Pública, inclusive com algumas iniciativas em docência nessa área.

Fiz o curso de Aperfeiçoamento em Promoção da Saúde na Escola, na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/FIOCRUZ), do Rio de Janeiro, com duração de 6 meses e coordenado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Tavares Lobato, referência em Promoção da Saúde naquela instituição.

Em seguida, cursei a Especialização em Saúde Pública, com duração de 1 ano, pela ENSP/FIOCRUZ. Minha monografia, com o título *Contribuições da Teoria da Ação Comunicativa para a Promoção da Saúde*, foi orientada pela Profa. Dra. Elizabeth Artmann, também reconhecida pesquisadora, com produções acadêmicas e científicas, valendo-se dos aportes da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

Atualmente, sou servidor efetivo da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, onde exerço o cargo de especialista em Políticas e Gestão da Saúde, atuando na Coordenadoria de Doenças e Agravos Não Transmissíveis (CDANT), da Diretoria de Promoção à Saúde e de Agravos Não Transmissíveis (DPSANT), onde sou referência técnica para a área temática de Prevenção à Violência e Promoção da Cultura da Paz.

Minha aprovação na seleção do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência representa enorme alegria por voltar a trabalhar em uma nova pesquisa do projeto *Frutos do Morro*, que foi tão importante para minha formação e, também, por reencontrar minha mestra, a Profa. Elza Machado de Melo.

APRESENTAÇÃO

“A pergunta é a devoção do pensamento.”

Heidegger

Este trabalho de dissertação está inserido nas ações do projeto de pesquisa intitulado “*Investigação dos riscos de saúde para adolescentes e seus determinantes*”, do Núcleo de Promoção da Saúde e Paz (DMPS/FM/UFMG), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa por meio do Parecer nº ETIC 355/09.

A ideia inicial foi promover alguns encontros com os adolescentes escolares participantes do projeto *Frutos do Morro*, com o objetivo de realizar oficinas de criação de textos. Essa seria uma maneira sensível de permitir a expressão da subjetividade desse grupo sobre um tema que é tão presente em nossa contemporaneidade, polissêmico e tocante de várias formas, isto é, a violência (entre adolescentes) na escola e as formas de sua superação por meio da promoção de espaços de interação e reconhecimento intersubjetivo: as oficinas.

Esse foi o escopo para uma proposta metodológica de pesquisa, a qual, posso dizer, deixou-me bastante feliz, pois, assim, foi possível unir as duas áreas de conhecimento de que gosto muito: literatura e saúde pública – área temática de Promoção da Saúde.

Dessa forma, para desenvolver a pesquisa nessa linha de trabalho, foi constituído um subgrupo no projeto *Frutos do Morro* com o sugestivo nome *Paz e Poesia*, do qual fui o coordenador. Apresentarei, de forma mais detalhada, como foi o processo de trabalho do *Paz e Poesia* no capítulo intitulado *Aspectos Metodológicos* deste trabalho.

Breves considerações sobre o recurso do método e seus desdobramentos teórico-conceituais

Escrevo este trabalho apoiado em técnicas que aproximam o método literário (ensaio) ao científico. E o faço, basicamente, por dois motivos: o primeiro por se tratar de minha afeição pela literatura, fato esse que me motivou a empregá-la na proposição do trabalho de campo de meu projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência e, claro, por identificá-la como adequada ao objeto de estudo em questão.

Dessa forma, o que justifica a aproximação com a Literatura é a potencialidade que o ensaio possui em permitir a elaboração e o desenvolvimento de hipóteses, não necessariamente contraditórias entre si, cuja capacidade explicativa sobre os fenômenos da vida social não se permitem enquadrar em respostas unívocas, sobretudo sobre fenômenos complexos como a violência.

O segundo motivo origina-se graças à maneira como alguns escritores e pesquisadores que admiro conseguem encontrar (ou inventar) soluções criativas para os complexos imbróglios metodológicos que engendram.

Aqui também me apoio na proposição de Deslandes *et al.* (2010), em que a pesquisa qualitativa se ocupa de questões muito particulares, ou seja, trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes e, para apreender essa complexidade de relações, é exigido do pesquisador um tanto de criatividade para a construção de desenhos teórico-metodológicos para “dar conta” de seus objetos de estudo.

Nesse tipo de pesquisa em que a abordagem compreensiva é de extrema importância para se elucidar as “verdades” da realidade ou das pessoas, há, pois, um quê de artístico, na mesma medida em que essa análise depende da subjetividade do pesquisador. Portanto, sob essa perspectiva, o desafio da pesquisa e do exercício científico vem imbricadamente acompanhado de uma artesanaria intelectual.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizadas as seguintes categorias conceituais e analíticas, articuladas à maneira de um arcabouço teórico-conceitual: Teoria da Ação Comunicativa e Promoção da Saúde. Essa aproximação foi possível em razão da perspectiva de Promoção da Saúde empregada, isto é, a Promoção da Saúde sob um enfoque crítico e mediador das relações sociais.

A hipótese vincula a violência ao rompimento das relações sociais e, portanto, ao rompimento do reconhecimento intersubjetivo mediado linguisticamente. Nesse contexto, a Promoção da Saúde entendida em sua estratégia de mediação representa uma possibilidade de superar e prevenir a violência (no âmbito escolar).

O trabalho de campo da pesquisa foi realizado com estudantes adolescentes da Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC), localizada no bairro Jardim América do município de Belo Horizonte (MG). Essa pesquisa considera as interfaces do espaço escolar com a sociedade, fomentando o desenvolvimento humano saudável e as relações humanas construtivas e harmônicas e, também, promovendo aptidões e atitudes positivas para a saúde. Adentrar o ambiente escolar foi uma experiência desafiadora, porém muito iluminadora e gratificante.

Estabelecer vínculos de confiança com os adolescentes por meio de metodologias participativas exigiu muito envolvimento e capacidade de doação dos participantes de nosso grupo de trabalho *Paz e Poesia*, mas mostrou-se uma experiência altamente realizadora para todos os envolvidos. Isso faz com que seja reforçada a ideia presente nas palavras de Bowlby, segundo as quais “acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolverem melhor seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades”.

Assim, retomando a epígrafe, perguntamo-nos: como prevenir a violência na escola e promover a saúde dos adolescentes por meio de práticas interativas e participativas, produzindo conhecimentos e informações para a construção de projetos de vida saudável?

Antes de concluir, gostaria de dizer que esta pesquisa não tem o objetivo de esgotar toda a discussão possível sobre a Promoção da Saúde e a Prevenção da Violência no âmbito da escola. As lacunas identificadas poderão ser preenchidas com o esforço de outras experiências de pesquisa geradoras de novas formas sensíveis e inventivas de superar os desafios do enfrentamento da violência no contexto escolar.

Portanto, esta pesquisa não possui uma conclusão fechada, pois ela mais aponta caminhos do que encerra uma discussão analítica.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“A linguagem nos dá a ver por que, afinal, vivemos juntos.”

A cidade das palavras, Alberto Manguel

A tessitura do texto como reconstrução de novas relações no mundo

O que faz a junção de palavras (substantivos, artigos, adjetivos, pronomes, numerais, verbos, advérbios, preposições, conjunções) e suas formações nucleares (frase, oração e período) ser, afinal, considerada texto? Etimologicamente, texto surge de *textus*, do latim: narrativa, exposição, composição, organização do pensamento em qualquer peça escrita ou declamada, ou seja, o texto é parte essencial da língua falada e escrita (HOUAISS, 2001: 2713).

A epígrafe acima diz sobre a comunicação em forma de texto, narrativa falada ou escrita, e a comunicação, tal qual a compreendemos neste trabalho, representa a possibilidade de entendimento entre os sujeitos. São formas de se colocar no mundo e, portanto, são expressões “desejantes” de reconhecimento.

Segundo o filósofo francês Lévinas, “a linguagem é o ato do homem racional que renuncia à violência para entrar em relação com o outro” e, nesse sentido, este trabalho se baseia na possibilidade de, a partir da criação de espaços de interação que permitam a expressão do reconhecimento intersubjetivo mediado linguisticamente, inventar novas formas de se colocar no mundo e, assim, articular relações mais solidárias para superar a violência no espaço social da escola.

A escola mostra-se como um espaço social privilegiado para se pensar essas relações na medida em que representa o local em que ocorre o desenvolvimento de crianças e adolescentes, sobretudo desenvolvendo não apenas a capacidade de evitar ou minimizar que os efeitos da violência se instaurem na vida dos estudantes, mas também o estímulo e a participação da comunidade escolar na construção de melhores condições de saúde e qualidade de vida. Diante disso, torna-se relevante pontuar que esta pesquisa também coaduna com a concepção conhecida como a proposta de Escolas Promotoras de Saúde, recorte do movimento Municípios e Comunidades Saudáveis, iniciativa da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) para a promoção de ações locais sustentáveis na comunidade escolar que visa à consolidação de processos participativos de autonomia.

O arcabouço teórico-conceitual da pesquisa baseia-se nas aproximações entre a Promoção da Saúde e a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

A I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em 1986, no Canadá, apresentou a Carta de Ottawa como seu documento final, o qual define a Promoção da Saúde como o processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo maior participação no controle desse processo.

A concepção de saúde subjacente a esse conceito é a de que a saúde representa não apenas o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, mas também uma importante dimensão da qualidade de vida, sendo entendida, assim, não como um objetivo em si, mas como um recurso fundamental para a vida cotidiana (BUSS, 2000).

Segundo a Carta de Ottawa, verifica-se que há ênfase na compreensão dos determinantes múltiplos da saúde, apontando para a necessidade de articular ações intersetoriais. Na medida em que o conceito de saúde, como bem-estar e qualidade de vida, transcende a ideia de formas sadias de vida, ele transcende também o setor da saúde. Assim, a Carta de Ottawa conclui que as condições e os requisitos para a saúde são: paz, educação, habitação, alimentação, renda, recursos sustentáveis, justiça social e equidade (BUSS, 2000).

Ainda segundo a Carta de Ottawa, as três estratégias fundamentais da Promoção da Saúde são: a defesa da saúde, a capacitação e a mediação. Para esta pesquisa, será utilizada a estratégia de mediação, entendida como a responsabilidade de os profissionais e grupos sociais em contribuir para a articulação entre os diferentes interesses referentes à saúde e existentes na sociedade.

A Promoção da Saúde, em sua perspectiva crítica, aponta que a superação das iniquidades em saúde passa pelo enfrentamento dos determinantes sociais de saúde, cujas causas estão fortemente relacionadas ao modo desigual e injusto em que as relações de poder estão estabelecidas na sociedade. E isso produz importantes implicações no ambiente escolar, na medida em que esse espaço pode ser compreendido como uma reprodução da realidade social de determinada localidade.

É nessa perspectiva que conseguimos estabelecer uma estreita relação entre a Promoção da Saúde e a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

Jürgen Habermas é considerado por muitos o maior filósofo vivo. Sua trajetória o deixou mundialmente conhecido como o grande herdeiro da Escola de Frankfurt, fundada por um grupo de filósofos liderados por Theodor Adorno (1903 – 1969) e Max Horkheimer (1895 – 1973), cujas produções deram origem ao que ficou conhecido como a Teoria Crítica. É possível dizer que a Escola de Frankfurt possuía uma certa aura pessimista a respeito dos temas analisados, como modernidade, crise do socialismo, nazismo e indústria de massa, pois percebiam a face

de um totalitarismo que tendia a abarcar tudo, derivado do desenvolvimento da racionalização instrumental (DOMINGUES, 1999).

Visando à reconstrução do materialismo histórico, Habermas, com sua Teoria da Ação Comunicativa, desenvolve a ideia da interação linguisticamente mediada como centro de sua teoria da sociedade moderna, que se diferencia progressivamente em “mundo da vida”, mediado comunicativamente, e “sistemas autorregulados”, onde impera a racionalidade instrumental (DOMINGUES, 1999).

Na Teoria da Ação Comunicativa, o agir comunicativo distingue-se do agir finalista, normativo e expressivo pelo fato de trazer em si o momento do entendimento livre de dominação. Tudo que age comunicativamente apresenta quatro pretensões de validade: inteligibilidade, verdade, correção (em referência a normas) e veracidade (REESE-SCHÄFER, 2009). Essas pretensões de validade serão mais bem exploradas nos capítulos seguintes.

Esta pesquisa vale-se da tese da *Colonização do Mundo da Vida pelo Sistema*, desenvolvida por Habermas, em que ocorre o fenômeno da substituição dos processos comunicativos que coordenam a ação dos atores e garantem a reprodução do mundo da vida pelos mecanismos sistêmicos de controle, como o poder e o dinheiro (MELO *et al.*, 2007).

Ao compreender que a ruptura das relações intersubjetivas é o mecanismo por meio do qual a violência se manifesta na sociedade (MELO *et al.*, 2007), o objetivo deste trabalho é a criação de espaços de interação (oficinas com adolescentes nas escolas) para a reconstrução dessas relações reflexivas para a superação da violência.

Desse modo, pensamos ser profícua essa aproximação para construir um arcabouço teórico-metodológico que permita analisar as relações intersubjetivas mediadas linguisticamente para a reconstrução de relações mais solidárias para a superação da violência e, também, para o tensionamento de práticas mais participativas e democráticas na escola.

Não será explorada de forma sistemática nesta pesquisa a concepção de Foucault sobre os espaços de manifestação do poder disciplinar sobre os corpos, dentre os quais se inclui a escola. No entanto, é importante dizer que essa concepção, que ocupou parte significativa de seu trabalho de pesquisador e pensador das relações de poder nas sociedades modernas, esteve bastante presente durante a elaboração deste trabalho e orientou boa parte das ideias e reflexões contidas aqui, assim como alguns excertos filosóficos da obra de Hanna Arendt.

As formas de superação da violência desenvolvidas por esta pesquisa no ambiente da escola também representam, em boa medida, a superação das relações de violência estabelecidas pelo poder entre os sujeitos da sociedade como um todo, na mesma medida em

que tensiona os espaços decisórios, participativos e democráticos, caminhando na direção de um “alargamento” da esfera pública ao inserir novos atores nesse espaço.

Retomando a estratégia da produção de textos, a construção de narrativas e, portanto, a possibilidade de reflexão e elaboração de novas formas de relacionamento entre os sujeitos e destes com o mundo, optou-se por essa estratégia por sua capacidade de criar explicações, significados, caminhos, alternativas e conhecimentos acerca de uma determinada “realidade” e, ainda, por trazer à tona os sentimentos e aspirações da subjetividade daqueles que estão em interação, em um espaço de reciprocidade dialógica e reconhecimento intersubjetivo. Tudo isso ganha expressão na peça de teatro que foi elaborada durante a realização das oficinas com esse grupo de adolescentes escolares.

A linguagem, a ficção e a literatura ocupam um lugar decisivo na experiência humana, no sentido de “impor” certa ordem ao mundo, para a construção de nossas identidades e para a construção de uma vida em comum, tornando possível a reordenação de um “novo” pacto social que torne possível e viável a efetivação dos processos democráticos (MANGUEL, 2008).

Assim como Manguel (2008), podemos perguntar: “como a linguagem nos auxilia a perceber-nos e aos outros? Como chegam a conferir identidade a indivíduos, grupos e sociedades? É capaz de mudar quem somos e o mundo em que vivemos?”.

Texto e tecido têm a mesma origem. Tecer um tecido e tecer um texto podem, então, metaforicamente, representar o mesmo processo: tecer os fios que os compõem. Tecer um texto, assim, é um processo que envolve o autor e o leitor com suas linhas – palavras/enunciados – sociohistoricamente constituídas (ARCOVERDE, 2007).

A tessitura do texto configura-se como a própria construção da superação da violência, na medida em que essa construção ocorre de maneira coletiva e em consenso entre os sujeitos participantes da interação, o que fornece os fios que irão tecer e compor o tecido social dos textos, estes considerados a expressão da subjetividade coletiva produzida pelo grupo em interação, dando concretude às potencialidades reflexivas para a recriação participativa das relações de sociabilidade e solidariedade em uma nova cultura de paz.

Por fim, corroborando com a proposta teórico-metodológica explicitada, pode-se observar nas fotografias a seguir que a primeira oficina realizada com o grupo de adolescentes foi a *Dinâmica da Teia*, e a segunda, o *Contrato de Convivência*.



Figura 1. Realização da oficina Dinâmica da Teia
Fonte: Núcleo de Promoção de Saúde e Paz – DMPS/FM/UFMG



Figura 2. Realização da oficina Contrato de Convivência
Fonte: Núcleo de Promoção de Saúde e Paz – DMPS/FM/UFMG

Figura 3. Representação da palavra “paz” construída com bombons durante a realização de oficina
Fonte: Núcleo de Promoção de Saúde e Paz – DMPS/FM/UFMG

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	29
1.1. Contextualização e aproximação com o território	34
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	37
2.1. Promoção da Saúde: marcos teóricos	37
2.2. Agir Comunicativo e Promoção da Saúde	41
2.3. Habermas – breve biografia.....	45
2.4. Introdução à Teoria da Ação Comunicativa	47
2.5. Teoria da Ação Comunicativa – Conceitos Fundamentais.....	47
2.6. Conceito Tríplice do mundo	48
2.7. Conceito de mundo da vida e sistema	48
2.8. Teoria da Ação Comunicativa	48
3. JUSTIFICATIVA	51
4. OBJETIVOS.....	52
4.1. Objetivo geral.....	52
4.2. Objetivos específicos.....	52
5. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	53
5.1. Campo de pesquisa.....	54
5.2. Técnicas de coleta de dados.....	54
5.3. Procedimento de análise dos dados.....	55
6. METODOLOGIA.....	56
6.1. Premissas que nortearam a elaboração e o desenvolvimento das oficinas	56
6.2. Participantes.....	57
6.3. Procedimento de coleta de dados	57
6.4. Oficinas.....	57
7. ANÁLISE DE DADOS	59
7.1. Sobre o método analítico: bases teóricas.....	59
8. RESULTADOS E DISCUSSÃO	61

8.1. Diálogo na escola mediado pela violência	62
8.2. Violência superada pelo diálogo	66
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
10. REFERÊNCIAS.....	77
ANEXO A – Panfleto para divulgação da oficina.....	80
ANEXO B - Carta de Apresentação	81
ANEXO C - Termo de Autorização	82
ANEXO D - Roteiro “Observação Participante” – Projeto Adolescente	83

1. INTRODUÇÃO

A violência não é parte inevitável da condição humana, tampouco um problema intratável da ‘vida moderna’, que não possa ser superada pela determinação e engenhosidade humanas

(OMS. 2002).

A relevância do tema da violência na sociedade contemporânea, entendida como um fenômeno complexo, polissêmico e, também, como um importante problema de saúde pública, é visível e perceptível no cotidiano de nossas vidas, seja como profissionais de saúde, educadores, militantes, seja como cidadãos de uma maneira geral.

A violência manifesta-se de maneira objetiva e subjetiva, interferindo decisivamente nos anseios, ações e projetos de vida das pessoas. Trata-se de um fenômeno que afeta de modo diferenciado os vários estratos da sociedade em suas respectivas caracterizações de faixa etária, gênero e raça/cor/etnia. Este trabalho dedica-se ao estudo dos sentidos da violência para uma parcela da população considerada em muitos estudos como “vulnerável” ou “em risco de violência”: os adolescentes estudantes de uma escola pública de periferia do município de Belo Horizonte (MG).

Este trabalho busca fortalecer a concepção dos adolescentes como sujeitos de direitos, a fim de fortalecer a autonomia para a realização de melhores escolhas para sua saúde e superação da violência. Aposta também na reconstrução de relações sociais baseadas na solidariedade por meio de metodologias participativas nos espaços da vida social, especialmente no ambiente escolar.

No documento *Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil*, publicado em 2013, o diagnóstico da violência contra os jovens brasileiros mostra que os homicídios representam a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos no Brasil e atingem, em especial, jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM/DATASUS/MS) apontam que mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios em 2011 no Brasil eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), sobre a prevalência de fatores de risco e de proteção comportamentais em adolescentes de Belo Horizonte (MG), revelou a magnitude da exposição dos escolares à violência. Segundo dados da PeNSE, 6,0% dos

escolares não compareceram à escola em razão da falta de segurança no trajeto casa-escola e 5,6% na própria escola. Nos 30 dias que antecederam a pesquisa, 35,3% relataram ter sofrido *bullying*. Ainda sobre essa questão, 12,9% dos escolares estiveram envolvidos em episódios de briga nos quais alguém foi fisicamente agredido. Foi declarada a presença de arma branca (5,7%) e de arma de fogo (4,4%) em episódios de brigas em que os escolares estavam envolvidos. Com relação à violência doméstica, 9,3% relataram ter sido vítimas de agressão por adulto pertencente à família, sendo esse percentual maior em meninas (10,6%), mas semelhante entre alunos de escolas públicas e privadas, o que demonstra parecer este um problema que afeta as diferentes classes sociais.

O processo histórico de construção e consolidação da Promoção da Saúde no Brasil, entendido como um campo de conhecimentos e práticas, segundo Ayres (2002), representa um paradigma de renovação do campo da saúde pública naquilo que se refere à organização dos sistemas e serviços de saúde para a produção de cuidados.

Segundo Marcondes (2004), a constituição de um campo para a saúde pública de conhecimentos e práticas de promoção da saúde pode ser entendido pelo acúmulo histórico que se estabeleceu por meio de três eixos articulados que conformariam os contornos da Promoção da Saúde, a saber: as limitações do modelo biomédico, a ampliação do conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção.

Ainda que tenhamos importantes documentos históricos de referência à Promoção da Saúde, como o Informe Lalonde (OPAS, 1996), a Declaração de Alma-Ata (Brasil/MS, 2001), a Carta de Ottawa (Brasil/MS, 2001) e a Política Nacional de Promoção da Saúde (Brasil/MS, 2006), percebe-se uma clara dificuldade em definir esse conceito. E é nesse escopo que esta pesquisa se insere ao buscar a identificação de novos postulados que permitam melhor compreensão teórica e seus desdobramentos no campo das práticas participativas de educação e saúde.

Seguindo os passos de Castiel (2010), em sua perspectiva crítica de analisar o conceito e as concepções de Promoção da Saúde, é possível perceber três teorias vigentes dessa categoria.

Uma primeira abordagem baseia-se nos comportamentos e estilos de vida. Fundada nos preceitos de fatores de risco produzidos por vertentes reducionistas clássicas da epidemiologia. Essa abordagem é vista como um meio de incentivar os indivíduos a assumir a responsabilidade por sua própria saúde, reduzindo os gastos com o sistema de saúde. A abordagem está fortemente fundada no documento conhecido como Informe Lalonde (CASTIEL, 2010), concepção

hegemônica da Promoção da Saúde, com base em uma abordagem comportamentalista, reducionista, normativa e preventivista dos riscos epidemiológicos.

Outra abordagem ficou conhecida como Nova Saúde Pública e, embora também fundamentada no risco epidemiológico, tem seu foco dirigido para os condicionantes e determinantes mais gerais de saúde, como os indissociáveis ambientes social, econômico e cultural. Essa abordagem deve ser entendida como um meio de contribuir para a realização de mudanças sociais e para a melhoria da relação entre cidadãos e Estado, em que a participação social e o empoderamento são considerados elementos-chave para sua implementação.

A intensa busca de consensos e a ligação visceral com o Estado são marcas dessa nova abordagem que, de certa forma, enfraquecem seu poder de transformação social. Desse modo, a ambiguidade que lhe é inerente tem contribuído tanto para a renovação do pensamento sanitário internacional como para a manutenção do *status quo* (CARVALHO, 2005).

Para Castiel (2010), há ainda quem vislumbre uma terceira abordagem de Promoção da Saúde que, sob uma perspectiva crítica, seria capaz de superar as limitações da abordagem comportamentalista e da “nova promoção da saúde”. Embora haja autores (CARVALHO, 2005) que dediquem esforços à realização de estudos e pesquisas nessa linha, esta tem sido uma tarefa árdua e ainda inconclusa, uma vez que o conceito de risco epidemiológico aparece como elemento essencial das abordagens hegemônicas de Promoção da Saúde.

Em conformidade com as questões apontadas por Bodstein (1992) acerca da insuficiência da capacidade dos modelos clássicos das Ciências Sociais (sobretudo em sua concepção de Estado) em explicar, ou orientar, as proposições de políticas públicas em saúde coletiva, apresentamos o pensamento de Habermas e sua explicação da sociedade moderna e, ainda, o quanto é possível realizar inflexões que permitam iluminar o debate da Promoção da Saúde.

Bodstein, em seu artigo, descreve o debate ideológico realizado por importantes pensadores desde os anos 60, como Touraine (1969) e Althusser, com a tradição sociológica de Marx e Weber. Entende-se que a apropriação e o desenvolvimento das ideias precursoras deste último – como o resgate da explicação dos processos sociais pela dupla via, por exemplo, o aspecto exterior (para além da intenção dos agentes sociais), sem abandonar a dimensão da participação humana na formação e transformação das relações e instituições sociais – apontam para a nova construção paradigmática na qual se insere Habermas.

Importante observar que nesse debate se encontram presentes fortes proposições com o intuito de se repensar o legado marxista, como o propugnado por Offe (1989), em que expõe o papel dos agentes e atores como mediadores entre estrutura e ação concreta.

Concluindo a primeira parte de seu artigo e tratando da concepção de Estado subjacente ao *Welfare State* (mediador das desigualdades sociais), Bodstein aponta que há um deslocamento do espaço onde se desenrolam as lutas sociais, perdendo-se de vista a dinâmica sociopolítica, a conformação de sujeitos e o processo de negociação e decisão política. Portanto, é preciso, segundo a autora, reconhecer o espaço da cidadania moderna e os efeitos que essa percepção oferece às reflexões para o campo da saúde coletiva. Ao mencionar a necessidade de se buscar novos referenciais sociológicos para a concepção de Estado e políticas públicas (em superação à visão estrutural-determinista da teoria marxista em que o papel instrumental da medicina para a reprodução da força de trabalho ao garantir o seu caráter funcional apresentava dupla função: acumulação do capital e legitimidade do sistema) voltadas para o campo da saúde, Bodstein aborda a prática democrática como processo de conflito, uma recriação contínua da política e de novos direitos. Para concluir, ressalta a necessidade de se recuperar as políticas sociais e de saúde enquanto relações entre sujeitos sociais.

Feita essa apresentação do trabalho crítico-expositivo de Bodstein, destacamos, pois, a possibilidade de o pensamento de Habermas inserir-se no ponto em que a autora coloca a premissa para se pensar e propor, sob novos paradigmas, as concepções de Estado e políticas públicas para a saúde, uma vez que este é um teórico crítico da sociedade industrial moderna fundada nas ações estratégicas (para obter determinados fins) e da expansão dessa “lógica” para todas as esferas da vida social.

Ao discutir a modernidade, Habermas traz a constatação de que a razão técnico-instrumental da ciência (e da incorporação desta em outros espaços da vida social e política) está imperando onde deveria prevalecer o debate (argumentativo, da ordem do discurso) de temas de interesse da população como um todo, desfavorecendo as questões social, histórica e cultural (PINENT, 2004).

Contra esse paradigma imperativo de racionalidade predominante nas esferas públicas, dentre os quais podemos incluir o ambiente escolar, Habermas propõe o paradigma da racionalidade comunicativa, com o objetivo de buscar o entendimento, consenso ancorado em situações de fala ideais contrafáticas, com base nas interações dialógicas mediadas linguisticamente entre os sujeitos (BODSTEIN, 1992; ARTMANN, 2001; MELO, 2005). Por extensão a esse seu apontamento, realizamos o esforço de pensar o trabalho com base nas categorias habermasianas para o campo da saúde pública e em que medida a coerência dessa associação poderia ser aplicada especificamente à Promoção da Saúde.

A saúde pública é um campo de natureza interdisciplinar, constituído pela intersecção de disciplinas, como sociologia, estatística, biologia e ambiente, para a qual acreditamos ser relevante a utilização da obra deste teórico (sociólogo e filósofo) que vem se dedicando ao estudo dos fenômenos da globalização e modernidade, a fim de contar com uma teoria que extrapola o paradigma predominante na sociologia clássica e, também, o paradigma filosófico predominante nas ações e práticas de Promoção da Saúde (AYRES, 2001): o marco conceitual teórico da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas está fundamentada no entendimento linguístico ou acordo racional entre sujeitos – ou o processo racional de busca e obtenção desse acordo –, mediado pela linguagem no seu uso comunicativo cotidiano, ou seja, a fala. Por isso, a relação que se estabelece é a da intersubjetividade na qual todos os atores envolvidos se reconhecem reciprocamente como sujeitos. Quando em uma interação, ou seja, em uma ação que envolve mais de um sujeito, o mecanismo coordenador da ação é o entendimento linguístico, então, verifica-se a manifestação do agir comunicativo. Nesse tipo de ação que Habermas denomina de *ação comunicativa*, a ordenação dos planos dos partícipes dirigidos a um fim é organizada e integrada pelo entendimento linguístico (MELO, 2010).

Apoiado nos aportes da Teoria da Ação Comunicativa e nos pressupostos da Promoção da Saúde em sua perspectiva crítica, este trabalho busca compreender os sentidos atribuídos à violência por um grupo de adolescentes escolares do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte (MG), participantes da oficina *Paz e Poesia* do projeto *Frutos do Morro*.

De acordo com a formulação de Melo (2007), a Teoria da Ação Comunicativa vem sendo utilizada não apenas para elaborar uma proposta de explicação da violência, mas também para apontar formas de sua superação por meio de ações de Promoção da Saúde. Segundo a autora, as relações intersubjetivas e sua ruptura, abrindo espaço para a manifestação da violência, precisam ser restabelecidas e isso pode ser realizado por meio da criação de espaços de interação onde haverá o reconhecimento dialógico entre os sujeitos, sem que nenhum tipo de coerção seja utilizado, isto é, essa comunicação será produzida exclusivamente pelas energias vinculantes da linguagem.

Nessa interação, o agir comunicativo envolve dois aspectos: o entendimento, pelo qual os participantes interpretam consensualmente a situação da ação e realizam seus planos cooperativamente; e o teleológico, relativo aos planos de cada um desses participantes. "As atividades orientadas para um fim, dos participantes da interação, estão jungidas umas às outras através do meio que é a linguagem" (HABERMAS, 1990 *apud* MELO, 2007).

A interação entre sujeitos, mediada pela linguagem, ocorre sempre dentro de um mundo da vida que, segundo Habermas, representa o conjunto de saberes pré-teóricos e que, compartilhados pelos participantes da interação e colocados às suas "costas", formam o horizonte da situação que vivenciam e garantem os recursos utilizados por eles para que se entendam uns com os outros numa dada situação e, assim, ao estabelecer relações intersubjetivas mediadas pela linguagem, coordenem suas ações coletiva e cooperativamente (MELO, 2007).

Segundo Melo, para Habermas o mundo da vida não esgota todos os aspectos da sociedade, que também precisa da reprodução material, desempenhada por outro âmbito da sociedade, por exemplo, o sistema, onde não temos mais ação dirigida ao entendimento, como é o caso do agir comunicativo, mas, sim, a ação dirigida ao êxito – ação instrumental e ação estratégica; por consequência, o mecanismo de regulação não é mais a integração social mediada pela solidariedade, em que os atores sociais harmonizam entre si as orientações de suas ações, e, sim, a autorregulação acima e independente de todos, dada pelo agregado das consequências das ações de cada ator social isolado.

Consequentemente, este trabalho se vale da proposta explicativa da violência elaborada por Melo (2007) a partir dos aportes da Teoria da Ação Comunicativa e do cotejamento provindo da tese de Habermas, segundo a qual a colonização do mundo da vida pelo sistema produz, no período contemporâneo da modernidade, a fragmentação das relações sociais responsáveis pela reprodução do mundo da vida dos sujeitos em interação, passando a própria violência a assumir o papel de mediação das relações interpessoais.

A Promoção da Saúde, em sua estratégia de mediação, representa uma alternativa para a recuperação dos vínculos solidários entre os sujeitos para a superação da violência e construção de uma cultura de paz.

1.1. Contextualização e aproximação com o território

“A cidade não é um lugar. É a moldura de uma vida.”

Pensatempos, Mía Couto

Segundo Bodstein *et al.* (2004), no contexto de intervenção, o desenvolvimento de iniciativas na perspectiva da Promoção da Saúde possui importância significativa. A questão central em torno da complexidade do contexto diz respeito às carências sociais básicas e aos

níveis crescentes de violência que vêm desafiando as diversas administrações públicas, gerando um círculo vicioso e persistente de exclusão social.

Utilizamos a epígrafe do escritor moçambicano Mia Couto para parafrasear, de forma reflexiva, o ambiente da escola, e tomá-lo como “moldura de uma vida”. A escola tomada como o espaço social de produção e reprodução da vida, em um contexto específico de interação. A escola como um território de limites e possibilidades, conflitos e afetos. É sob essa perspectiva que adentramos a Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC) para realizar este trabalho de pesquisa.

A Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC) está localizada no Aglomerado Urbano Morro das Pedras, no bairro Jardim América, que fica na região Oeste de Belo Horizonte (MG). Essa é uma área caracterizada por ser um território de alta vulnerabilidade social e com elevado índice de violência e homicídios.

Segundo Silveira (2007), o perfil sociodemográfico do Morro das Pedras apresenta uma série de características associadas a comunidades socialmente desorganizadas e violentas, como alto percentual de jovens, baixo nível de escolaridade, grande densidade demográfica, baixa renda e um percentual significativo de pessoas que residem há menos de 5 anos em algumas de suas vilas (Antena, Pantanal e Santa Sofia), à época da pesquisa.

Entre as características do cenário de violência, pano de fundo da maior parte dos homicídios, estão a motivação por disputas em torno do tráfico de drogas, conflitos entre grupos organizados, componentes retaliatórios e intimidatórios, crueldade, associação de grupos e indivíduos locais envolvidos com tráfico de drogas com indivíduos e grupos de outros aglomerados e outras cidades, execuções no espaço público, resolução violenta de outros conflitos, violência policial, ameaças a moradores não envolvidos no tráfico e comprometimento do funcionamento de serviços públicos, como escolas e creches (Silveira, 2007).

A compreensão da violência, a partir de sua relação complexa e intrinsecamente constituída pelos arranjos forjados na dinâmica socioterritorial da escola, indica que as condições para a proposição de novas e promissoras abordagens para o enfrentamento da violência, como a perspectiva crítica da Promoção da Saúde, podem ser formuladas por meio de metodologias participativas e a partir do diálogo com a comunidade, visando à construção de novos saberes para a transformação da realidade.

É nesse contexto que esta pesquisa se insere e tem no ambiente escolar seu espaço de realização, na medida em que a escola é compreendida como um espaço de construção e troca

de saberes e experiências permeados pelas manifestações de violências e que repercutem em seu cotidiano e na vida social de forma mais ampliada.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Promoção da Saúde: marcos teóricos

Historicamente, os condicionamentos sociais do processo saúde-doença já eram estudados por Engels e Virchow, mas foi em 1946 que Singerist utilizou o termo Promoção da Saúde pela primeira vez quando propôs um modelo de reorganização da assistência baseado nas funções: promoção da saúde, prevenção das enfermidades, cura e reabilitação (REIS & VIANNA, 2004).

Segundo Buss (2003), somente no ano de 1974 é que se apresenta o primeiro marco conceitual da Promoção da Saúde com o Informe Lalonde. A motivação central do Informe Lalonde, de acordo com esse autor, parece ter sido política, técnica e econômica, pois visava enfrentar os custos crescentes da assistência médica e apoiava-se, também, no questionamento da abordagem exclusivamente médica para as doenças crônicas, apresentando resultados pouco significativos.

Conforme informação desse importante documento, o conceito “campo da saúde” reúne os chamados “determinantes da saúde”, decompostos em quatro amplos componentes: biologia humana, ambiente, estilo de vida e organização da assistência à saúde (BUSS, 2003).

A Declaração de Alma-Ata (1978) apresentou como plataforma o *Saúde para Todos no Ano 2000*, onde reafirmava a justiça social e a equidade como requisitos fundamentais à saúde.

A Carta de Ottawa, de 1986, produto da I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, é considerada o segundo grande marco da Promoção da Saúde. Ao incorporar a dimensão da equidade em saúde ao “processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria da sua qualidade de vida e saúde, incluindo um maior controle desse processo” (BRASIL, 2002), ampliou a concepção de Promoção da Saúde. Na medida em que aponta para os determinantes múltiplos da saúde e para a intersetorialidade, afirma que “o conceito de saúde como bem-estar global transcende a ideia de estilos de vida saudáveis”, assim, “a Promoção da Saúde não é responsabilidade exclusiva do setor de saúde” (BRASIL, 2002).

A Carta de Ottawa (1986) define (1) a defesa da causa, (2) a capacitação e (3) a mediação como as estratégias fundamentais da Promoção da Saúde, articuladas aos

seguintes cinco campos de ação centrais: (1) elaboração e implementação de políticas públicas saudáveis, (2) criação de ambientes favoráveis à saúde, (3) reforço da ação comunitária, (4) desenvolvimento de habilidades pessoais e (5) reorientação do sistema e serviços de saúde.

A Declaração de Adelaide, de 1988, ao reforçar a importância de políticas públicas saudáveis, aponta para a necessidade de uma abordagem integrada de reforma e desenvolvimento socioeconômico e de saúde. Identificou, portanto, quatro áreas prioritárias: (1) apoio à saúde, informação e participação da mulher; (2) políticas, ações e informações de valorização à alimentação e nutrição adequadas; (3) combate ao tabagismo e alcoolismo por meio de fortes políticas e ações; e (4) criação de ambientes saudáveis e autossustentáveis.

Com a Declaração de Sundsvall, de 1991, esse esforço é acentuado, uma vez que responsabiliza todos pela criação de ambientes favoráveis e promotores de saúde, frisando a educação nesse contexto.

A Conferência de Jacarta (1997), a primeira realizada em um país em desenvolvimento, ao fazer uma avaliação positiva da Carta de Ottawa e apontar para a participação de outros atores e definição de novos cenários, estabelece cinco prioridades para a Promoção da Saúde: (1) promover a responsabilidade social com a saúde, (2) aumentar os investimentos no desenvolvimento da saúde, (3) consolidar e expandir parcerias para a saúde entre os diferentes setores em todos os níveis de governo e da sociedade, (4) aumentar a capacidade da comunidade e fortalecer os indivíduos e (5) assegurar uma infraestrutura para a Promoção da Saúde (REIS & VIANNA, 2004).

Destes, destacamos o primeiro pela possibilidade de leitura à luz da abordagem comunicativa habermasiana, uma vez que, refletindo sobre o conceito tríplice de mundo e mais especificamente sua dimensão de mundo normativo, observamos uma identificação de propostas com a *prioridade de responsabilidade social com a saúde* prevista na Declaração de Jacarta. O terceiro (consolidar e expandir parcerias) exige grande capacidade de negociação e comunicação na busca da consolidação de ações e práticas em Promoção da Saúde.

A dimensão da Promoção da Saúde expressa nos últimos encontros internacionais, direcionados para o redimensionamento do papel da saúde pública, culminou na Rede de Megapaíses para Promoção da Saúde, de 1998 (REIS & VIANNA, 2004).

Podemos dizer que, para Buss (2003), o conceito de Promoção da Saúde tem sido interpretado de diferentes formas ao longo de sua construção, ou seja, sob uma perspectiva conservadora e sob outra crítica.

A primeira, segundo esse autor, encontra-se centrada na redução do peso econômico dos serviços de saúde ao responsabilizar o indivíduo pela construção de seu estado de saúde desejável. Na segunda, o cerne é a transformação social mediante a capacitação dos cidadãos. Em ambos podemos perceber indícios da presença de modelos de comunicação inerentes ao desenvolvimento dessas concepções.

Com a realização das Conferências em Adelaide (1988), Sundsvall (1991), Trinidad e Tobago (1993), Jacarta (1997), México (200) e Bangkok (2005), os pontos detectados pela Carta de Ottawa, agora nomeados *Estratégias de Ação da Promoção da Saúde*, passam a prever a realização de ações na comunidade com ativa participação cidadã, o fortalecimento da intersetorialidade, empoderamento, implementações de ações para o reconhecimento dos direitos em saúde, a avaliação do impacto das políticas públicas na saúde, um modelo para a reorientação do sistema de saúde, a construção de espaços favoráveis à saúde e a utilização dos meios de comunicação social para a Promoção da Saúde e para a capacitação cidadã, tornando possível fazer escolhas com base na conquista de uma melhor qualidade de vida.

Como esta é uma revisão que não se deseja exaustiva sobre os marcos conceituais da Promoção da Saúde, acreditamos cumprir, mediante esta rápida exposição, com a necessidade de nosso trabalho de definir qual a concepção de Promoção da Saúde que estamos trabalhando ao estabelecer relações com a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

Dessa forma, com o intuito de nos remetermos às contribuições da aproximação entre a Promoção da Saúde e a Teoria do Agir Comunicativo de Habermas, evidenciamos a concepção conceitual que este estudo tem como referência. Partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, a Promoção da Saúde propõe a articulação (por meio da capacitação e intersetorialidade) de saberes técnicos e populares e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução, na busca por melhores condições de qualidade de vida (BUSS, 2000; BUSS, 2003).

Embora haja um certo consenso com relação a esse conjunto de ideias básicas, também pode-se dizer que existem divergências significativas. Percebe-se ora a

convergência, ora a ruptura com determinadas correntes teórico-filosóficas. Durante a década de 70, privilegiaram-se aspectos relacionados aos estilos de vida, priorizando medidas preventivas e mudanças comportamentais. A preocupação era com a contenção de gastos médicos, a responsabilização individual e os elevados investimentos em campanhas massivas, desresponsabilizando governos e formuladores. Tais práticas, na verdade, representavam uma forte alusão à retomada do modelo da História Natural da Doença de Leavell & Clark (1953). É a partir desse modelo, tendo a doença como ponto de partida, que a Promoção da Saúde se expressa conceitualmente no século XX.

Sergio Arouca em sua tese *O dilema preventivista: contribuições para a compreensão e crítica preventivista* questiona e torna visíveis as estratégias de difusão do discurso preventivista, que tem nos departamentos de medicina preventiva (e na formação dos médicos) a irradiação e consolidação desse discurso na sociedade.

Agora, a ênfase nos determinantes globais apresenta a distinção entre prevenção e promoção de maneira mais aprofundada. Propõe um pensamento relacionado a um conjunto de problemas socioambientais que afetam as condições de vida e saúde, cuja superação envolve mudanças sociais, participação da população e medidas políticas que não dependem somente dos profissionais de saúde. Sendo assim, a Promoção da Saúde ampliou seu marco referencial, uma vez que é transdisciplinar, multiprofissional e intersetorial.

Desse modo, em contraponto ao discurso preventivista, o médico não é mais o único sujeito do discurso da promoção e o serviço de saúde não é o único lugar social onde se realiza esse discurso. Esse é um processo no qual os diversificados meios e espaços de comunicação assumem um caráter estratégico.

É nesse contexto que esta pesquisa se insere, entendendo a Promoção da Saúde como prática social, construída historicamente e implicando discursos diversos.

Levando em consideração a perspectiva do discurso enquanto espaço de luta e transformação social, em oposição à perspectiva desenvolvimentista hegemônica (sendo esta historicamente predominante no setor saúde, e porque não dizer, na Promoção da Saúde), verificam-se alguns pontos paradigmáticos de tensão no campo concernente à comunicação em saúde, entre eles: a assimetria de poderes entre emissores e receptores *versus* o direito à fala e a participação efetiva na formulação de políticas; e a tendência à centralização e fragmentação *versus* estratégias mais descentralizadas, permanentes, intersetoriais e plurais.

Em sua premissa de atuar na comunidade que o cerca, é preciso que o profissional tenha noção básica não apenas dos princípios de comunicação social e individual, mas também da forma como abordar os sujeitos e a comunidade como um todo, respeitando a cultura local e podendo atuar como um elemento capaz de programar e implementar, em conjunto com a comunidade, as ações da Promoção da Saúde.

Ao entender a comunicação no setor da saúde como transferência de um polo detentor de conhecimentos e habilidades para outro “desprovido” desses recursos, garantindo o uso de um código comum, ajustado ao que se imagina ser o universo cultural do receptor e empregando-se os veículos adequados para atingir o sucesso definido, como a decodificação da mensagem pelo receptor tal e qual formulada pelo núcleo emissor, identifica-se que o “sucesso” conseguido refere-se ao êxito técnico. E este constrói objetos, mas não sujeitos. Ao desconsiderar a intersubjetividade intrínseca à dialogicidade estabelecida em um discurso no campo das ações de Promoção da Saúde, deixa-se de lidar com a alteridade, tão cara à noção de cidadania e geração de autonomia dos sujeitos discursivos da Promoção da Saúde. A concepção de sujeito predominante no pensamento sanitário não está em sintonia com os principais valores e pressupostos que o orientam hegemonicamente.

Como crítica a essa discussão, utilizarei como referencial teórico a Ação Comunicativa e o Agir Comunicativo de Habermas. Para esse autor, a realização e validação dos processos dialógicos baseiam-se na aceitação, por parte do interlocutor, de que o projeto de mundo e de vida que orienta esse discurso é correto desde um ponto de vista ético, moral e político não apenas na proposição de enunciados aceitáveis intersubjetivamente como expressão da realidade, mas também na sua capacidade de expressar autenticamente a perspectiva subjetiva daquele que profere o discurso.

2.2. Agir Comunicativo e Promoção da Saúde

Partindo da concepção de Promoção da Saúde enunciada e com o objetivo de assinalar as principais contribuições de alguns autores que utilizam o enfoque habermasiano em seus estudos sobre o tema, procedemos às contribuições acerca das repercussões dos modelos comunicativos subjacentes empenhados nas práticas de Promoção da Saúde. Discutimos o paradigma comunicacional hegemonicamente empregado e, à luz da Teoria do Agir Comunicativo apresentada pelos autores,

examinamos a proposição de um modelo baseado no paradigma linguístico, no qual a linguagem se torna articuladora da ação no mundo entendido em seu conceito tríplice ampliado e em relação ao mundo vital (ARTMANN, 2001) e, ainda, em que medida essa proposição se revela promissora para as ações e práticas em Promoção da Saúde.

Os autores Melo *et al.* (2005), ao apresentarem os resultados parciais de um estudo descritivo associado a um qualitativo (que busca fazer as correlações entre riscos e determinações socioeconômico-político-culturais e destas com as interpretações e os significados contextualmente produzidos) com dois grupos de adolescentes de 10 a 19 anos que frequentam escolas públicas e particulares de algumas cidades do Vale do Rio São Francisco (MG) e em um aglomerado urbano de Belo Horizonte (MG), percebem a fecundidade da teoria habermasiana para articular a produção de conhecimentos e a mudança social, fazendo uma importante proposição na qual apontam a situação em que a necessidade de preservação do mundo da vida, imprescindível para a socialização, formação e construção de sujeitos, choca-se com a ameaça da sua colonização pelos mecanismos sistêmicos, em um processo crescente de reificação (tese da colonização do mundo da vida pelo sistema).

Compreender, em profundidade, os elementos que compõem esse mundo, como eles operam na vida cotidiana e como os atores os incorporam e os transformam ao lidar com questões candentes do seu dia a dia, mostra-se relevante para a compreensão de como esses atores tecem suas relações, tornando-as decisivas para a criação de meios de proteção ou exposição ao risco (MELO *et al.*, 2005).

Para a autora, a crítica ao mundo colonizado, onde há a substituição de valores culturais e tradicionais por imperativos sistêmicos, onde a informação técnica em saúde é abordada como externa ao mundo dos adolescentes, pode servir também para apontar saídas. Essas saídas teóricas e pragmáticas podem se dar pela criação de formas de sociabilidade, construção de vínculos e possibilidades de interação em que sujeitos se reconheçam reciprocamente como portadores de saberes, de vontade e de direitos.

Nos dizeres de Buss (2000), proporcionar saúde significa, além de evitar doenças e prolongar a vida, assegurar meios e situações que melhorem a qualidade de vida “vívida”, que ampliem a capacidade de autonomia e o padrão de bem-estar que, por sua vez, são valores socialmente definidos, importando em valores e escolhas.

A partir também da tese de Habermas da colonização do mundo da vida pelo sistema (fundamentado em uma razão instrumental, que transforma o sujeito em objeto),

Vasconcellos-Silva *et al.* (2003) analisam a utilização dos impressos hospitalares como instrumentos (próteses comunicativas) capazes de produzir hábitos saudáveis ou modificar comportamentos de seus públicos. Os autores afirmam a ineficácia desse método (na maioria dos estudos pesquisados), sobretudo por pautarem-se em uma racionalidade norteadora fundada em determinadas metas priorizadas pela agenda biomédica (mudanças de comportamento no campo da prevenção, diagnóstico, terapêutica e adesão ou consentimento em relação a práticas experimentais). Assim, é possível perceber que o modelo comunicacional presente se faz valer de modo autoritário, normativo e descontextualizado do mundo da vida daqueles que, por princípio, poderiam se utilizar das informações ali contidas.

Segundo os autores, pouco eficientes como próteses comunicativas, os impressos desvinculados de aproximações pessoais falham em influenciar seus destinatários, meros receptores neutralizados em sua cultura, biografia e subjetividade.

Os autores percebem um discurso hegemônico tecnicista biomédico, subjacente à produção de folhetos como substitutos da interação entre profissionais e pacientes, que abriga um modelo de comunicação mecanicista, comprometido com uma agenda biomédica que observa os pacientes como indivíduos passivos, receptivos à manipulação, gerando a abreviação da necessidade de diálogos. Concluem que, no contexto hospitalar, uma ação racional, especialista, monológica e instrumental tende a fracassar em seu projeto de influenciar comportamentos por não perceber ou não ter como substituir instrumentalmente a necessidade de estabelecer relações interpessoais baseadas em regras de reconhecimento mútuo, que garantam o questionamento e a escuta ativa.

Complementando essas colocações, Vasconcellos-Silva *et al.* (2003) apontam desafio interessante à mobilização de formas organizativas que articulem práticas de trabalho sobre modelos mentais ativos, críticos e perceptivos.

Baillie *et al.* (2000) corroboram essa proposição e acrescentam que os fracassos no campo da educação em saúde ocorrem em razão de falhas dos modelos explicativos que desconsideram uma abordagem comunicativa, fundamentada na interação humana plena, interessada no diálogo. Propõem um modelo amparado no diálogo crítico, no qual um processo comunicacional aberto se torna essencial não apenas para permear barreiras que se erguem entre grupos, mas também para expor e identificar os interesses. A ação comunicativa, nesse sentido, auxiliaria no projeto de desconstrução de sistemas de

pensamento fechados, diferenciando objetivos e significados corporativos de um interesse social mais amplo.

Um exemplo poderia ser a análise mais criteriosa das estratégias centrais e dos campos de ação descritos na Carta de Ottawa, considerado o mais importante dos marcos conceituais da Promoção da Saúde. Acreditamos que a questão comunicativa perpassa, à maneira de um eixo transversal, todas as implicações advindas dos conceitos nela abordados, dos quais poderíamos citar a mediação e a intersetorialidade (para as estratégias), bem como o desenvolvimento de habilidades pessoais, o reforço da ação comunitária e a reorientação dos serviços (para os campos de ação).

Contudo, seria necessário repensar e reconstruir o enfoque de comunicação, pois observamos que o modelo de comunicação subjacente às ações, práticas e programas de Promoção da Saúde é, muitas vezes, um formato comunicativo centrado em um paradigma clássico hegemônico com base na transmissão unidirecional da informação. Isso ocorre de maneira não problematizadora e fundamentada em uma racionalidade técnico-instrumental acrítica que, ao desconsiderar o mundo da vida dos indivíduos e comunidades, não se torna um fator gerador de mudança socialmente construída e desejada. Pensando em um contexto globalizado em que a política ideológica neoliberal impera sobre a vida das pessoas, esse fato se revela extremamente agravante, uma vez que, quando não se traduz em ações autoritárias, acaba por perpetuar aquilo que, em verdade, deveria ser combatido. Estamos falando da força dos imperativos sistêmicos que incidem fortemente na vida dos indivíduos e comunidades que, assim, traduzidos em políticas públicas de Estado, institucionalizam a normatização da vida social. Não é um modelo de comunicação que privilegie o reconhecimento e a emancipação dos sujeitos. Dessa maneira, não possibilita o gradativo crescimento das possibilidades de escolha dos indivíduos que se queiram cidadãos.

Com o esgotamento das teorias clássicas para explicar problemas complexos contemporâneos, dentre os quais se insere a saúde pública brasileira, como apresentado por Bodstein (1992) em seu artigo, pensamos ser necessária a proposição de uma teoria da sociedade que conforme Melo *et al.* (2005), mesmo não desconhecendo a existência de âmbitos da sociedade cuja reprodução se faz segundo leis regulares que seguem seu curso de forma alheia aos interesses e motivos dos atores sociais envolvidos, não abre mão de afirmar a necessidade de elementos normativos próprios de uma ordem social

ainda influenciada pela ação do homem, resguardando, assim, sua vinculação com uma razão prática.

Por esse motivo, a Teoria da Ação Comunicativa nos fornece um modelo de crítica a contextos de comunicação distorcida e, ao mesmo tempo, aponta caminhos para uma comunicação desejável. A constituição de sujeito com maior grau de autonomia e crítica e, portanto, vinculada com os ideais de uma sociedade pautada pelos princípios de justiça, equidade e democracia plena, exige um modelo habermasiano de comunicação nas ações e práticas de Promoção da Saúde.

As estratégias de comunicação constituem um instrumento de destaque na implementação das ações de Promoção da Saúde. Entendendo que os estilos de vida da população não constituem riscos autocriados, a abordagem da comunicação privilegia os aspectos formativos. E, ao privilegiar esses aspectos, a comunicação focaliza o receptor. Dessa forma, as ações de Promoção da Saúde aumentam suas chances de se constituírem elementos facilitadores que permitirão aos indivíduos e populações, autonomamente, transformar hábitos de trabalho, construídos com base no exercício de cidadania, gerando, assim, comportamentos inovadores.

2.3. Habermas – breve biografia

Jürgen Habermas nasceu em Dusseldorf em 1929. É considerado o principal representante da “segunda geração” da Escola de Frankfurt, nome pelo qual ficou conhecida a corrente de pensamento do Instituto de Pesquisas Sociais de Frankfurt (fundado em 1923), notabilizado pelo desenvolvimento da chamada Teoria Crítica da Sociedade.

Filósofo e sociólogo, tende para uma síntese interdisciplinar totalizadora das ciências humanas (HUISMAN, 2001).

De 1949 a 1954, estudou filosofia na Universidade de Bonn. Em 1954, obteve o doutorado e, em seguida, fez pesquisas sobre a história do conceito de ideologia.

Apresenta uma grande produção de artigos de imprensa e possui mais de uma dezena de livros publicados, podendo ser considerado como o perfil clássico da figura do intelectual, ou seja, como aquele que sai do gabinete e se dispõe ao debate público de ideias.

Trabalhou como assistente de Theodor W. Adorno (responsável, juntamente com Max Horkheimer, pela reinstalação do Instituto em 1950, após período de exílio nos Estados Unidos por ocasião de suas posições na II Guerra Mundial) em Frankfurt durante

o período de 1956 até 1959, quando, então, torna-se sociólogo e participa de pesquisas empíricas.

Na Universidade de Marburg, em 1961, J. Habermas defende em Ciências Políticas a sua grande tese de qualificação (recusada por Horkheimer em Frankfurt, que exigira a realização de mais um estudo empírico) dedicada a uma arqueologia sociohistórica da opinião pública como dimensão constitutiva da sociedade burguesa. Foi publicada em 1962, com o título *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (HUISMAN, 2001).

Em 1964, foi nomeado professor de filosofia e sociologia em Frankfurt, tornando-se, então, colega de seu antigo mestre Theodor W. Adorno.

J. Habermas, que fora de esquerda em seus tempos de estudante, uma vez que se tornara professor, foi considerado, ao lado de Adorno e outros, como Herbert Marcuse (também pertencente à Escola de Frankfurt), um dos mentores do movimento estudantil. Condição essa que não o eximiu de alguns entreveros com os estudantes.

Em 1971, J. Habermas abandona a Universidade de Frankfurt e aceita o convite para codirigir o Instituto Max Planck de Pesquisas sobre as Condições de Existência do Mundo Científico e Técnico, em Starnberg. Paralelamente, realiza várias viagens à América do Norte, onde ensinou a partir de 1967-1968 na New School for Social Research, em Nova York (HUISMAN, 2001).

Assim como seus predecessores, Habermas insiste em criticar o cientificismo positivista, isto é, a pretensão de reduzir todo o conhecimento ao modelo das ciências empíricas e ao modelo da técnica, como se a razão não tivesse outros aspectos nem outros campos de atuação. Em sua obra *Conhecimento e Interesse* (1982), Habermas afirma a especificidade das Ciências Sociais e distingue as Ciências Exatas das Ciências Humanas (HUISMAN, 2001).

J. Habermas, em sua proposição *Para Além do Pensamento* da Escola de Frankfurt, busca uma teoria social crítica em novas fontes no campo da fenomenologia e da psicanálise. Ao eleger a sociologia como a mais apta para explicar as questões da modernidade, propõe a substituição da filosofia da consciência por uma filosofia da linguagem, que será a base de sua teoria da comunicação (PINENT, 2004).

Assumindo-se como um dos defensores da modernidade, procura criar uma teoria da razão que inclua teoria e prática, o que significa dizer uma teoria que seja ao mesmo tempo justificativa e explicativa (ROUANET & FREITAG, 1980).

Em 1981, J. Habermas publica sua obra principal, a *Teoria da Ação Comunicativa*. Com esse trabalho, J. Habermas apresenta uma teoria da sociedade moderna em que se aplicam os métodos da filosofia juntamente com os da sociologia, filosofia social e filosofia da linguagem.

Interessante dizer que J. Habermas construiu seu pensamento, em grande medida, pelo embate de ideias com muitos outros pensadores contemporâneos, como Adorno, Gadamer e Marx (ROUANET & FREITAG, 1980).

Foi deste último, pode-se dizer, que J. Habermas, assim como os demais integrantes da Escola de Frankfurt, recebeu fortes influências e procurou, no início de sua carreira, dar sequência. Posteriormente, afastou-se de alguns posicionamentos do materialismo marxista, quando passou a não considerar o trabalho uma forma direta de emancipação do ser humano (ROUANET & FREITAG, 1980).

Jürgen Habermas, considerado um dos maiores filósofos e sociólogos da atualidade, contribuiu grandemente para o debate acerca de temas da contemporaneidade, como as principais tendências sociais e políticas.

2.4. Introdução à Teoria da Ação Comunicativa

A Teoria da Ação Comunicativa de J. Habermas apresenta uma análise das diferentes formas de interação humana, destacando nelas distintos mecanismos de coordenação de ações, modelos de racionalidade e paradigmas filosóficos (PINNET, 2004).

Seu objetivo é centrado não apenas em construir uma teoria crítica da sociedade, mas também em denunciar a crise da razão e a perda da capacidade do ser humano de objetivar criticamente o mundo em que vive.

Para tanto, J. Habermas aborda as condições da convivência humana, ou seja, da interação entre sujeitos competentes que utilizam a linguagem com a finalidade de se entender, buscando um consenso sobre o mundo em que vivem e suas ações nesse mundo.

J. Habermas apresenta, em sua obra, uma crítica às sociedades modernas e propõe uma nova moldura para se ler a realidade (ARTMANN, 2001). Constrói para isso a Teoria da Ação Comunicativa, cujos conceitos fundamentais são apresentados a seguir.

2.5. Teoria da Ação Comunicativa – Conceitos Fundamentais

Serão apresentados os conceitos fundamentais da Teoria da Ação Comunicativa de J. Habermas, segundo Artmann (2001), com o intuito de propor uma iniciação ao estudo dessa obra que representa os maiores esforços desse pesquisador e pensador.

2.6. Conceito Tríplice do mundo

Para J. Habermas, há o *mundo objetivo*, o qual se refere ao mundo físico ou ao estado de coisas existentes; o *mundo social* (ou normativo) relacionado às normas sociais ou culturais sob as quais agimos; e o *mundo subjetivo* que se refere ao mundo interno dos indivíduos (SIEBENEICHLER, 1989, apud ARTMANN, 2001).

2.7. Conceito de mundo da vida e sistema

O mundo da vida, para J. Habermas é constituído pela cultura, pela sociedade e pela personalidade. Essas três dimensões articuladas pela linguagem (que também é constitutiva do mundo da vida) fornecem o “pano de fundo” que permite intersubjetivamente, que as ações sejam orientadas.

Habermas informa sobre a dialética existente entre o mundo da vida (representado pela cultura e pela razão comunicativa mediados pela linguagem) e o sistema (representado pela razão técnica e instrumental mediado pelo poder e pelo dinheiro) e denuncia o avanço da racionalidade técnica ou do sistema sobre o mundo da vida.

2.8. Teoria da Ação Comunicativa

Adotando como ponto de partida a crítica à teoria da ação de Weber, J. Habermas propõe, então, mais quatro tipos de ação:

Ação Instrumental, Teleológica ou Estratégica: forma de conhecimento e intervenção sobre estados de coisas do mundo objetivo, validada pela verdade ou pela eficácia da intervenção sobre o mundo. Transforma-se em estratégica quando envolve outros atores sobre os quais se pretende influenciar, sendo estes reificados e vistos como meios e obstáculos a superar.

Ação Normativa: voltada para a produção e legitimação de normas sociais (envolve os mundos objetivo e normativo).

Ação Expressiva: voltada para a comunicação e reconhecimento para a autenticidade de estados internos do indivíduo (envolve os mundos objetivo e subjetivo).

Ação Comunicativa: corresponde a uma ação intersubjetiva mediada linguisticamente em que são levantadas pretensões de validade (enunciados) que podem ser aceitos ou não pelos interlocutores. Com a presença de preocupações éticas, é a única que pressupõe o uso da linguagem em todas as suas dimensões, estando referida ao mesmo tempo aos três mundos (objetivo, normativo e subjetivo) articulados pelo mundo da vida – o equivalente ao saber prévio ou conjunto de pretensões de validade cristalizadas como acordo ou consenso, que se expressa como saber teórico, prático ou expressivo.

Assim propunha J. Habermas: a linguagem é uma forma de ação, pois, pelo seu componente performativo (tipo de relação intersubjetiva implícita), constitui-se em uma maneira de relacionar-se intersubjetivamente com o(s) mundo(s) que desencadeia(m) outros tipos de ação (ARTMANN, 2001).

A Teoria da Ação Comunicativa desenvolvida por J. Habermas representa uma proposição do autor de explicação da origem e evolução das patologias da modernidade. Para J. Habermas, a transformação da sociedade acontece por meio da reflexão crítica apoiada na filosofia da linguagem e na formulação da situação ideal do diálogo (PINENT, 200).

Artmann destaca que a construção do conceito de ação comunicativa pressupõe uma mudança do paradigma da consciência ou da filosofia do sujeito para o paradigma da comunicação ou da intersubjetividade.

Essa mudança de paradigma traz subjacente uma nova noção de racionalidade, que busca sua validação em procedimentos argumentativos sob os seguintes pressupostos: verdade proposicional (referida ao mundo objetivo), correção normativa (referente ao mundo social) e autenticidade subjetiva (referente ao mundo subjetivo). O conceito de razão passa a ser processual e comunicativo, deduzido de uma lógica pragmática da argumentação, incluindo, assim, não apenas os elementos cognitivo e instrumental, mas também os elementos relacionados à moral, à prática, à emancipação e à estética (ARTMANN, 2001).

Sob a insígnia desse novo paradigma, o agir sobre o mundo significa estabelecer uma relação intersubjetiva linguisticamente mediada onde o sujeito, além do interesse em conhecer e atuar sobre o mundo, busca entender, juntamente com outros sujeitos, o significado das questões a respeito do conhecer e agir sobre objetos no mundo (ARTMANN, 2001).

3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho se justifica pela necessidade de investigar as bases filosóficas, teóricas e metodológicas, para a compreensão dos sentidos atribuídos à violência por um grupo de adolescentes do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte (MG), participantes da oficina *Paz e Poesia* do projeto *Frutos do Morro*, na perspectiva da Promoção da Saúde e à luz da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

A compreensão da violência a partir desse enfoque propiciará o debate acerca desse importante problema de saúde pública, especialmente para essa população de adolescentes em situação de vulnerabilidade social, permitindo o aperfeiçoamento de intervenções e políticas públicas de prevenção da violência e promoção da saúde na escola.

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral

Compreender reflexivamente os sentidos atribuídos à violência por um grupo de adolescentes do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte (MG), participantes da oficina *Paz e Poesia* do projeto *Frutos do Morro*, na perspectiva da Promoção da Saúde e à luz da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

4.2. Objetivos específicos

- a) Realizar oficinas de criação de textos como espaços de reflexão e diálogo para compreender os sentidos atribuídos à violência entre os adolescentes escolares.
- b) Analisar como os sentidos atribuídos à violência pelos adolescentes escolares pesquisados podem apontar indícios para a proposição de ações de Promoção da Saúde e Cultura da Paz nas escolas.
- c) Investigar a potencialidade das metodologias participativas – oficinas baseadas no reconhecimento intersubjetivo dialógico como estratégia de Promoção da Saúde e Cultura da Paz no ambiente escolar.

5. ASPECTOS METODOLÓGICOS

“Quem vive num labirinto, tem fome de caminhos.”

Mia Couto

Esta pesquisa não busca, inicialmente, provar ou refutar uma hipótese, mas, sim, trazer à tona a compreensão dos sujeitos participantes acerca dessa temática tão abrangente e que coloca os adolescentes e a escola sob uma perspectiva mais crítica. Não coube também a esta pesquisa um estudo que envolvesse toda a comunidade escolar. Assim, a realidade pesquisada pode não ser semelhante à de outras escolas, mas é uma realidade possível e que pode ser valiosa tanto para formuladores de políticas públicas, quanto para gestores e profissionais de saúde e de educação que atuam nas escolas e nas atividades pedagógicas.

A explicação teórica apresentada no capítulo intitulado *Fundamentação Teórica* se mostra de grande importância pelo fato de oferecer os elementos que propiciam uma alternativa para o enfrentamento e a superação do problema colocado em questão por esta pesquisa, isto é, as múltiplas faces da violência e sua manifestação no âmbito escolar. Trata-se, pois, de uma estratégia de Promoção da Saúde que valoriza a metodologia participativa para a construção de soluções coletivas para o enfrentamento da violência.

A partir dessa perspectiva teórico-conceitual, compreende-se que a raiz do problema está no comprometimento dos processos comunicativos mediadores das interações intersubjetivas, assim, a alternativa está em centrar esforços em abordagens de prevenção da violência que privilegiem a reconstrução desses espaços de interação e o reconhecimento mútuo entre os sujeitos para a construção de uma Cultura da Paz. Por isso, combater a violência representa recuperar em cada espaço, no cotidiano, essa competência que dá a todos nós a condição de sujeitos: a fala. Representa, também, explorar, ao máximo e em todos os espaços, suas potencialidades interativas (MELO, 2010).

A realização de oficinas com os adolescentes representa não apenas a formulação de uma estratégia para criar espaços que propiciem o diálogo e o reconhecimento intersubjetivo no qual, segundo Habermas, “qualquer encontro de atores que se atribuem reciprocamente liberdades comunicativas abre-se como espaço público linguisticamente constituído”, mas também a recuperação da ação comunicativa, geradora de vínculos e solidariedades capazes de superar situações de violência.

A preparação deste projeto de pesquisa propiciou vários encontros, dentre eles: a participação nas reuniões do projeto *Frutos do Morro*, onde conheci os graduandos do curso de Medicina que me acompanharam no trabalho de campo; a realização de reuniões preparatórias para o trabalho de campo da pesquisa com esses graduandos; a apresentação da proposta de pesquisa à diretoria da escola; e o trabalho de campo com a realização das oficinas propriamente ditas. O coletivo de trabalho formado pelos graduandos do curso de Medicina, pesquisadores do Núcleo de Promoção da Saúde e Paz, e coordenado por mim, constituiu o subgrupo de trabalho do projeto *Frutos do Morro* intitulado *Paz e Poesia*.

Vale lembrar o quanto foram prazerosas e ricas as oficinas, fato que só foi possível em razão da enorme dedicação e empenho desses graduandos do curso de Medicina e dos membros do projeto *Frutos do Morro*, que tanto me auxiliaram na preparação da oficina como um todo e na elaboração das “observações participantes”, técnica para a coleta de dados utilizada.

5.1. Campo de pesquisa

O trabalho de campo desta pesquisa foi desenvolvido em uma escola municipal de ensino fundamental e médio, localizada no Aglomerado Urbano Morro das Pedras, do município de Belo Horizonte (MG), contemplada pelo projeto *Frutos do Morro*.

Foram realizadas oficinas semanais com o grupo de adolescentes selecionados, totalizando 13 encontros.

5.2. Técnicas de coleta de dados

Neste estudo, foram utilizados a “observação participante” e o “diário de campo” como técnicas de coleta de dados.

Vale destacar que as oficinas foram documentadas por meio de fotos com máquinas digitais e com a permissão do grupo de pesquisa, respeitando o desejo daqueles que não gostariam de aparecer nas imagens.

Na técnica “observação participante”, o pesquisador entra em contato direto com o fenômeno observado para obter informações relativas à realidade vivenciada pelos atores sociais em seus próprios contextos (NETO, 1994).

Segundo Zaluar (1985), essa técnica é geralmente usada quando o pesquisador está interessado em compreender uma organização particular ou um problema substantivo e não em demonstrar relações entre variáveis definidas abstratamente.

A “observação participante” tornou-se essencial, no caso desta pesquisa, para compor o contexto e permitir a imersão na realidade do grupo na tentativa de apreender os acontecimentos durante a realização das oficinas.

As “observações participantes” ocorreram entre os meses de abril e julho de 2012, período de realização das oficinas.

Ressalta-se que a “observação participante” realizada se distancia daquela concepção clássica dessa técnica na qual o contato direto com o fenômeno observado se dava por meio de uma longa inserção na realidade vivenciada pelos atores, durando meses, levando o pesquisador a adotar hábitos daquela comunidade pesquisada como fizeram os antropólogos.

Foram utilizados como instrumentos de coleta o “diário de campo” e um roteiro de “observação participante” (Anexo D) previamente construído. Os sujeitos participantes da pesquisa receberam esclarecimentos sobre a pesquisa e um termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C) foi entregue e assinado pelos adolescentes participantes.

5.3. Procedimento de análise dos dados

Nesta pesquisa, o método de análise dos dados utilizado é o hermenêutico-dialético, o qual será explicitado a seguir.

6. METODOLOGIA

Trata-se de estudo qualitativo que consistiu na realização de oficinas juntamente com o projeto *Frutos do Morro* e, durante esse trabalho, no desenvolvimento de “observação participante” e confecção de “diário de campo”.

6.1. Premissas que nortearam a elaboração e o desenvolvimento das oficinas

Em conformidade com a orientação teórica deste estudo, baseada na aproximação da perspectiva crítica da Promoção da Saúde com a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, que, a partir da tese da colonização do mundo da vida pelo sistema, pode ser utilizada para explicar a violência presente nas sociedades contemporâneas (MELO, 2010), propôs-se a realização de oficinas como espaços de reconhecimento intersubjetivo dialógico, em que os sujeitos envolvidos na pesquisa compartilham e deliberam sobre a condução dos temas e atividades a serem desenvolvidas. A partir dessa dinâmica de trabalho, pode-se questionar e discutir sobre as relações sociais e situações violentas presentes no mundo da vida dos adolescentes e com repercussões no cotidiano da escola, a partir de um novo entendimento a respeito das relações de poder no ambiente escolar.

A metodologia utilizada nas oficinas foi orientada pela perspectiva crítica da hermenêutica-dialética, que entende a construção do conhecimento apoiada na análise de contexto e da práxis (MINAYO, 2008). Assim, buscou-se a criação de espaços em que os adolescentes pudessem construir novos conhecimentos por meio do diálogo e das trocas conversacionais e da produção de novos sentidos a respeito de sua própria realidade (SPINK, 2004).

As estratégias utilizadas nas atividades buscavam problematizar as questões discutidas e a participação ativa de todos os envolvidos nas oficinas (FREIRE, 1996) que, por sua vez, foram organizadas como espaços de troca e de conversação que possibilitavam a reflexão crítica das práticas discursivas do cotidiano escolar vivenciado pelos adolescentes e, também, a construção de novos sentidos e fazeres, portanto da práxis (BRIGAGÃO & GONÇALVES, 2009).

6.2. Participantes

O grupo de participantes desta pesquisa é constituído por um pequeno coletivo de adolescentes, regularmente matriculados na Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC). O processo de seleção para formar o grupo se deu a partir da divulgação da oficina *Paz e Poesia*, do projeto *Frutos do Morro*, por meio de cartazes (Anexo A) afixados nos murais informativos do EMOC. Assim, a adesão dos participantes ocorreu por (1) identificação com a proposta de trabalho, (2) afinidade com o tema das oficinas e (3) disponibilidade de horário para participar das atividades. Nesse processo, foram selecionados 12 adolescentes, com idades que variavam de 13 a 16 anos. Dos adolescentes selecionados, 10 são do sexo feminino e apenas 2 do sexo masculino.

6.3. Procedimento de coleta de dados

Os dados que subsidiam a discussão apresentada neste estudo foram coletados por meio dos registros nos quais foram utilizadas as técnicas de pesquisa qualitativa “observações participantes” e “diário de campo”, assim como as reflexões do autor que atuava como facilitador das oficinas.

Participaram, ainda, da realização das oficinas quatro estudantes do curso de Medicina, integrantes do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*, uma pedagoga que trabalha no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG) e uma mestre em Ciências Farmacêuticas, pesquisadora do Núcleo de Promoção da Saúde e Paz, do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Medicina de Minas Gerais.

6.4. Oficinas

No período de abril a julho de 2012, foram realizadas 13 oficinas com a duração de 2 horas cada. Em consonância com a perspectiva dialógica proposta, as oficinas foram organizadas como espaços interativos, participativos e democráticos onde se buscava sempre não apenas compartilhar saberes de modo colaborativo, mas também permitir a circulação do poder/saber entre os sujeitos participantes da pesquisa.

O tema central dos encontros foi definido coletivamente e incluiu: (a) as relações de poder na escola, (b) as diversas formas de violência e (c) a possibilidade de diálogo entre a comunidade escolar. No entanto, havia sempre espaço para a discussão de questões emergentes, que permitia uma horizontalidade nas interações e nas discussões dos temas a fim de diminuir a desigualdade na relação de saberes entre os diferentes participantes da pesquisa. As atividades e estratégias metodológicas que buscavam fomentar a reflexão crítica sobre essas questões e a produção coletiva de novos sentidos também foram acordados pelo grupo, por exemplo: oficinas de fotografia, teatro e produção de textos.

As oficinas eram centradas no reconhecimento intersubjetivo dialógico e, de uma maneira geral, estavam organizadas em três momentos: recepção aos participantes, discussão/realização de atividades e avaliação. No momento inicial, eram realizadas dinâmicas de grupo, jogos e exercícios de aquecimento. Algumas vezes, foram utilizados filmes cujas temáticas estavam relacionadas com o contexto de trabalho do grupo e funcionavam como disparadores do diálogo. Em seguida, o grupo elegia o tema que seria trabalhado no dia e iniciava-se a discussão que, muitas vezes, era concretizada mediante a construção de cartazes, como o *Contrato de Convivência*, e/ou mediante a elaboração de textos, como o roteiro da peça de teatro. O *Contrato de Convivência* é o produto da pactuação entre os participantes acerca das normas que regerão os encontros das oficinas. O processo de sua elaboração, na medida em que pressupõe a participação de todos os envolvidos, consiste em uma importante estratégia de reconhecimento entre os sujeitos da pesquisa, uma vez que é construída de forma participativa.

Ao final das oficinas buscava-se fechar as atividades com uma pequena avaliação onde os participantes eram convidados a relatar sobre o que lhes pareceu mais importante nas discussões, sobre as novas questões que haviam surgido e sobre a metodologia utilizada. O facilitador das oficinas assumia a postura de problematizador e mediador dos diálogos, apontava para as participantes as contradições e conflitos presentes nas conversas e a importância de ouvir e respeitar o outro (BRIGAGÃO & GONÇALVES, 2009).

Quanto às questões éticas, cabe salientar que a pesquisa foi autorizada pela diretoria pedagógica da Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC) e que os pais dos estudantes, estes todos menores de idade, assinaram documento de autorização (Anexo C), emitido pelo EMOC. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como previsto na portaria 196/96 do Ministério da Saúde (MS).

7. ANÁLISE DE DADOS

7.1. Sobre o método analítico: bases teóricas

Para realizar a análise do material desta pesquisa, será utilizado o *Método de Interpretação de Sentidos*. Segundo Bruyne *et al.* (1991), a palavra método envolve quatro polos: (a) epistemológico (a dimensão crítica que avalia se uma produção é ou não científica, a partir de um modelo de ciência, promovendo ruptura entre os objetos científicos e o senso comum); (b) teórico (conceitos e princípios que orientam a interpretação); (c) morfológico (regras de estruturação do objeto de investigação); (d) técnico (controle da coleta de dados e a confrontação entre os dados com a teoria que os suscitou). Para os autores, a interação dialética entre esses diferentes polos constitui o conjunto de práticas metodológicas (BRUYNE *et al.*, 1991).

A proposta de interpretação de dados de pesquisa qualitativa denominada *Método de Interpretação de Sentidos* inscreve-se na perspectiva das correntes compreensivas das ciências sociais, que analisam: (a) palavras, (b) ações, (c) conjuntos de inter-relações, (d) grupos, (e) instituições, (f) conjunturas, dentre outros corpos analíticos (GOMES, 2010). Nesse contexto, a perspectiva que diz respeito ao diálogo entre as concepções hermenêutica e dialética auxilia a fundamentação desse método.

De acordo com a discussão que procura articular as perspectivas hermenêutica e dialética, para Bleicher (1980), a hermenêutica pode ser vista como “a teoria ou filosofia da interpretação do sentido”. Para Gadamer (1992), a hermenêutica é entendida como “a arte de compreender textos”. Minayo (2002), com base no pensamento de Gadamer, observa que o ato de compreender caminha na direção de interpretar e estabelecer relações para chegar a conclusões. Assim, a autora considera que a hermenêutica busca “esclarecer as condições sob as quais surge a fala” (MINAYO, 2002).

Habermas (2012) reconhece a importância da hermenêutica, mas a concebe ao lado do pensamento crítico, a dialética. A articulação entre essas duas perspectivas pode ser útil para o método de interpretação, uma vez que, a partir dela, pode-se, ao mesmo tempo, caminhar no desvendamento do significado consensual daquilo que nos propomos a interpretar e estabelece uma crítica acerca dos dissensos e das contradições dos significados e sobre suas relações com o contexto (MINAYO, 2002).

Minayo (2006), ao fazer uma reflexão densa acerca do diálogo entre hermenêutica (compreensão) e dialética (crítica), apresenta alguns princípios que podem balizar a operacionalização do *Método de Interpretação de Sentidos*. Dentre esses princípios, destacamos que, para interpretar os dados da pesquisa, é preciso: (a) buscar a lógica interna dos fatos; (b) situar os fatos, os relatos e as observações no contexto dos atores; e (c) produzir um relato dos fatos em que seus atores nele se reconheçam (GOMES, 2010).

Para proceder à análise e interpretação do material de pesquisa coletado durante o trabalho de campo, orientamo-nos pelas seguintes etapas, conforme proposto por Gomes (2010): (1) leitura compreensiva do material selecionado, (2) exploração do material e (3) elaboração de síntese interpretativa.

8. RESULTADOS E DISCUSSÃO

"Pai, afasta de mim este cálice/de vinho tinto de sangue."

Cálice, Chico Buarque

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa e a análise dos dados coletados durante o trabalho de campo. Importante lembrar que a técnica utilizada para a coleta das informações durante a realização das oficinas foi a “observação participante” e a proposta de interpretação de dados de pesquisa qualitativa denominada *Método de Interpretação de Sentidos* que, segundo GOMES *et al.* (2005), “trata-se de uma das correntes compreensivas das ciências sociais que analisa palavras, ações, conjuntos de inter-relações, grupos, instituições, conjunturas, dentre outros corpos analíticos”.

A perspectiva hermenêutico-dialética constitui uma das bases desse método de cunho qualitativo e é coerente com o referencial teórico do estudo, isto é, a Teoria da Ação Comunicativa. Para Habermas, a importância da hermenêutica (teoria ou filosofia da interpretação do sentido) ao lado do pensamento crítico (dialético) pode ser útil para o método da interpretação, uma vez que, a partir dela, pode-se, em um mesmo movimento, caminhar no desvendamento do significado consensual daquilo que se propõe a interpretar e estabelece uma crítica acerca dos dissensos e das contradições dos significados e sobre suas relações com o contexto (MINAYO, 2002; 2006).

Nas palavras de Minayo (2002) temos que a reflexão acerca da aproximação entre as perspectivas hermenêutica (compreensão) e a dialética (crítica) apresenta princípios que podem servir como um balizador para se operacionalizar o *Método de Interpretação de Sentidos*. Dentre esses princípios, destaca-se que, para interpretar os dados, é preciso: (a) buscar a lógica interna dos fatos, dos relatos e das observações; (b) situar os fatos, os relatos e as observações no contexto dos atores; e (c) produzir um relato dos fatos em que seus atores nele se reconheçam (GOMES, 2010).

A análise dos dados foi realizada a partir da categorização para organizar o material de pesquisa e, em seguida, procedeu-se à análise propriamente dita, com o estabelecimento de correlações de sentidos e significados. A definição de categorias analíticas é um procedimento da análise qualitativa de materiais de pesquisa, o que significa dizer que é encontrar classes pertinentes de objetos, ações, pessoas ou acontecimentos. Trata-se, pois, de uma operação intelectual orientada por um referencial teórico articulado a seu contexto social de interação.

Para os objetivos desta pesquisa, foram definidas previamente as categorias analíticas a serem empregadas para o estudo dos dados. Essa definição foi realizada a partir do referencial teórico (Teoria da Ação Comunicativa de Habermas) e do tema geral desenvolvido durante as oficinas (Promoção da Saúde e Prevenção da Violência) em seu contexto – a escola.

Assim, os dados da pesquisa coletados durante o trabalho de campo foram sistematizados de acordo com as seguintes categorias analíticas: “Diálogo na escola mediado pela violência” e “Violência superada pelo diálogo” e levaram em consideração alguns aspectos, como: a multiplicidade de atores sociais envolvidos na interação (estudantes do EMOC, graduandos do curso de Medicina da UFMG, a pedagoga do projeto *Frutos do Morro*, a pesquisadora do Núcleo de Promoção da Saúde e Paz), o material coletado por meio da “observação participante” e o texto da peça de teatro elaborada pelos estudantes do EMOC – presente no Anexo E deste trabalho.

A sistematização em “apenas” duas categorias analíticas parece pouco para expressar toda essa complexidade de fenômenos que ocorreram durante a realização das oficinas no trabalho de campo. É importante ressaltar, no entanto, que foi uma escolha bastante difícil, pois exigiu um agrupamento que inclui subtemas que poderiam ser, eles próprios, categorias analíticas independentes. Dentre estas, pode-se citar: democracia, poder, identidade, estigma, etnia e gênero. Essa escolha se deveu à necessidade de deixar em evidência as categorias melhor informadas pelos objetivos e pelo referencial teórico da pesquisa.

8.1. Diálogo na escola mediado pela violência

Para a realização da análise dos dados a partir da perspectiva adotada para este trabalho, a violência será definida, de acordo com Melo *et al.* (2005), “como qualquer situação em que um ator social perde a sua condição de sujeito frente a um outro”. Nesse caso, não há o reconhecimento intersubjetivo mediado linguisticamente, tal qual proposto por Habermas em sua Teoria da Ação Comunicativa. O que se percebe é a manifestação da violência enquanto mediadora da relação, seja por meio do emprego assimétrico de uma relação de poder, seja pelo uso da força física, seja de qualquer outra forma de coerção, portanto, aqui, considera-se tanto a violência física, quanto a violência simbólica.

É justamente na fragmentação da relação social baseada no reconhecimento mútuo que a violência se manifesta com a verificação da ocorrência daquilo que Habermas chamou de colonização do mundo da vida pelo sistema.

Esse tipo de interação mediada pela violência manifesta-se na escola de várias formas, conforme os trechos apresentados a seguir, retirados de uma fala dos estudantes participantes das oficinas:

“...em sala de aula não podemos dizer nada que o professor manda a gente se calar. Não respeitam o que a gente quer fazer...”.

e

“...uma vez, um menino pegou a mochila da minha amiga e jogou no chão... ela foi logo em cima dele pra poder bater nele...”.

São passagens que dão a entender que a violência está empregada como a mediadora da relação estabelecida entre estudantes e professores e, também, na relação entre os próprios estudantes. Trata-se, pois, não apenas de uma violência institucional, personificada pelo poder autoritário do professor, que não precisa de justificativa para efetivar sua ação *sobre* o outro, posto que é investido do *status* do cargo de professor, mas também de uma manifestação mediadora da violência em uma relação interpessoal, no caso dos estudantes, estes investidos de um mesmo estatuto não hierárquico, isto é, o de ser estudante. Isso não significa dizer que a relação anterior também não seja interpessoal, estou dando ênfase apenas para pontuar que a relação entre os estudantes, em tese, não é baseada na hierarquia institucional da escola.

Neste momento, pensamos ser interessante realizar uma breve aproximação dessa concepção habermasiana com a elaboração dos conceitos de *poder* e *violência* desenvolvidos pela filósofa Hanna Arendt. A pensadora e filósofa judia alemã, reconhecida mundialmente por sua tese da *banalidade do mal*, realizou em seu livro *Sobre a Violência* um compilado de escritos políticos sobre o tema da violência à luz de alguns acontecimentos do século XX, como holocausto, nazismo, guerrilha em processos de descolonização e a guerra do Vietnã, e defendeu o emprego de meios não violentos de resistência à opressão, como a desobediência civil.

A aproximação com o pensamento de Habermas pode ser compreendida nas palavras de Lafer para o prefácio do livro de Arendt, segundo o qual

“como ressaltou Habermas, ela (Arendt) deslocou, na sua análise, a temática do poder do seu emprego e aplicação para a de sua criação e manutenção. Para Arendt, o poder – que é inerente a qualquer comunidade política – resulta da capacidade humana para agir em conjunto, o que, por sua vez, requer o consenso de muitos quanto a um curso de ação. Por isso, o poder e a violência

são termos opostos: a afirmação absoluta de um significa a ausência do outro. É a desintegração do poder que enseja a violência, pois quando os comandos não são mais generalizadamente acatados, por falta do consenso e da opinião favorável – implícita ou explícita – de muitos, os meios violentos não têm utilidade. É essa situação-limite que torna possível, mas não necessária, uma revolução. Em síntese, para Hanna Arendt, a violência destrói o poder, não o cria”.

Segundo Lafer, para Arendt, a violência e a sua glorificação se explicam pela severa frustração da faculdade de agir no mundo contemporâneo, que tem suas raízes na burocratização da vida pública, na vulnerabilidade dos grandes sistemas e na monopolização do poder, que seca as autênticas fontes criativas. A violência só tem sentido quando é uma reação e tem medida, como no caso da legítima defesa. Perde sua razão de ser quando se transforma em uma estratégia racionalizada e convertida em princípio de ação. Lafer encerra sua análise da obra arendtiana dizendo que a autora conclui que o decréscimo do poder pela carência da capacidade de agir em conjunto é um convite à violência e, assim, a violência não reconstrói dialeticamente o poder. Paralisa-o e aniquila-o.

Embora não tenha sido pensado especificamente para o recorte desta pesquisa, esse diálogo (para lembrar a categoria analítica deste estudo) entre Habermas e Hanna Arendt é bastante iluminador para nossa reflexão.

A concepção de violência enquanto mediadora das relações, da maneira como a estamos compreendendo neste trabalho, permite alcançar e apreender algo um pouco mais além do que se manifesta na escola.

Utilizamos, para isso, o conceito de mundo da vida desenvolvido por Habermas, segundo o qual, em um movimento duplo, é possível capacitar os participantes da interação a usar a linguagem orientada ao entendimento e, ao mesmo tempo, preencher os pressupostos pragmáticos da ação comunicativa, a partir do compartilhamento de um conjunto de saberes pré-teóricos (MELO *et al.*, 2007).

Esse conceito, mundo da vida, torna-se especialmente relevante para os objetivos deste trabalho, na medida em que, por meio dos atos de fala dos participantes da interação, não pode ser tematizado em sua totalidade, mas apenas os pequenos fragmentos de seus respectivos mundos da vida podem ser tematizados e problematizados.

Segundo Melo *et al* (2007), a explicitação dos atos de fala – portanto, um plano de ação a ser cooperativamente executado – e a decorrente abordagem de um tema realçam um fragmento do mundo da vida, delimitando uma situação: neste caso, o que até então era sabido

apenas como uma autoevidência passa a ser ingrediente de uma situação, torna-se passível de tematização, entra em contato com pretensões de validade e transforma-se em saber falível.

A peça de teatro elaborada durante as oficinas permite apreendermos, em uma boa medida, a subjetividade do mundo da vida tematizada por meio da expressão dos atos de fala dos sujeitos da interação (os adolescentes da oficina *Paz e Poesia*), assim, vejamos os trechos a seguir retirados de um dos diálogos do texto.

“Patrícia (filha de D. Valéria, a dona de uma bela casa) sai, e 20 minutos depois toca a campainha.

(Dim, Dom!)

Marinete (a empregada da casa de D. Valéria) vai abrir a porta e se depara com um homem negro.

Marinete: *Posso ajudar?*

_____: *A Valéria se encontra?*

Marinete: *Não, ela acabou de sair para trabalhar.*

_____: *Posso entrar?*

O homem negro entra mesmo antes de receber a resposta de Marinete.

Marinete: *O senhor não pode ficar aqui. Por favor, saia.*

_____: *A Patrícia “tá” aí?*

Marinete: *Não. Ela saiu com umas amigas. O que você quer com ela?*

_____: *Isso só posso falar com ela.*

Marinete: *Deixa a mãe dela saber que você quer falar com ela! Do jeito que ela é, é bem capaz dela ficar louca. Afinal, um homem negro como o senhor querer falar com a filha, Patrícia...*

_____: *eu tenho todo o direito de falar com ela.*

Marinete: *Eu, heim. Posso saber o porquê de todo esse direito?*

_____: *Claro que pode. Eu sou o pai dela!*

Marinete se assusta.

Marinete: *Meu Deus do céu! Por essa eu não esperava. Dona Valéria, preconceituosa do jeito que é! Que safadinha, foi direto num negão”.*

Nesse diálogo, percebemos o surgimento de um tema muito forte para essa população: o racismo. Aqui fica claro que a percepção do grupo nos informa que às pessoas negras não é permitido acessar determinadas condições econômico-sociais, tampouco penetrar em espaços socialmente construídos *pelos e para* os ricos, já que o negro é taxado de pobre, portanto,

indesejado nos lugares (nesse caso, a própria residência) do rico. O contexto realçado a partir dessa situação é representado na peça de teatro como uma situação de violência para aquele grupo, na medida em que o racismo estigmatiza e destitui a condição de sujeito do negro.

Durante a realização das oficinas, foi possível exercitar alguns ensaios para a apresentação da peça de teatro. Em um desses ensaios, houve a seguinte frase de uma das adolescentes:

“...muito bom esse menino (João) chegar, porque a gente está precisando de um negro”
– ô menino vem fazer o Newtown. Você sabe ler?”.

Carol (aluna do EMOC, e uma das participantes da oficina *Paz e Poesia*, projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*)

Essa é uma frase que também evidencia a questão do racismo, agora entre os próprios adolescentes, deixando entrever que essa situação é percebida “para fora” e “para dentro” daquele grupo de estudantes. Eles conseguem perceber como o racismo constrange a vida em questões relacionadas ao trabalho, por exemplo, sendo, portanto, compreendido como uma relação de violência, mas, ao mesmo tempo, também estabelece em alguma medida uma reprodução desse racismo em suas relações intersubjetivas.

Essas análises não são revestidas de um viés estanque, mas, sim, compreendidas como um recorte de pesquisa das relações ocorridas dentro de um espaço de interação peculiar, participativo, no interior da escola, apreendidas por meio da fala de uma parte de seus estudantes. É justamente por compreender esse recorte que apontamos para a segunda categoria, a “Violência superada pelo diálogo”, em que se aposta na possibilidade real e concreta da superação da violência pelo diálogo.

Passemos a ela.

8.2. Violência superada pelo diálogo

A proposta teórico-metodológica deste trabalho de pesquisa está baseada na retomada das interações intersubjetivas mediadas linguisticamente nos espaços da vida social, especialmente no ambiente escolar, visto que, a partir da tese de colonização do mundo da vida elaborada por Habermas, essas relações foram “substituídas” pela violência.

A criação de espaços de reconhecimento recíproco entre os sujeitos da interação ressalta a possibilidade de reconstruir os vínculos com base em laços de respeito, confiança e solidariedade e representa, por si mesmo, as pistas para superar as relações de violência.

Melo *et al.* (2007) nos lembra que as oficinas são espaços planejados, mas que permitem a todos os participantes da interação realizar seus projetos, produzindo nesse espaço um enorme potencial pedagógico visto que há o compartilhamento de saberes entre os adolescentes do Morro e os alunos da Universidade, em que o reconhecimento das diferenças enriquece a relação e um contribui para a formação do outro, e conclui dizendo que

“cada qual é o autor de tudo que se produz num encontro que gera um novo jeito de viver e conviver, que gera liderança e, por isso, a possibilidade de transformação”.

Essa concepção se afina com a perspectiva da educação crítica, ao propiciar o domínio de uma nova linguagem que, por sua vez, abre possibilidades para novas formas de conhecimento da realidade (GOLDSCHMIDT, 2012).

As passagens elencadas a seguir representam, por meio dos atos de fala dos estudantes, a operacionalização dessa proposta:

“Não consigo me expressar por palavras, então uso a fotografia”.

(aluna do curso de Medicina e bolsista do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*)

“Vamos começar a trabalhar a timidez tirando as cadeiras de frente, para nos vermos melhor, mais juntos, em círculo. Vocês veem alguma diferença nessa disposição?”

(pedagoga, componente do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*)

“Eu vejo!”

Maysa (aluna do EMOC e uma das participantes da oficina *Paz e Poesia*, projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*)

“É bom sair de trás das coisas”.

Maria (aluna do curso de Medicina e bolsista do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*).

“Desconstrução do ambiente de escola”.

Marinês (pedagoga, componente do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*).

“Maysa me perguntou (antes que a Bruna tivesse entrado na sala) onde que a Bruna e o Gregório estavam, porque ela queria ‘reclamar’ com eles porque haviam faltado.”

Na mesma citação do trecho da peça de teatro selecionada para retratar a violência representada pelo racismo, pode-se perceber também que o personagem representado pelo homem negro não possui um nome próprio.

Essa não foi uma escolha feita à revelia pelos autores-estudantes. Em uma das oficinas no EMOC, uma estudante reconhecida pelas colegas como a “redatora oficial” por ter sido a responsável pela maior parte da criação da história e escrita do texto, explicou que isso ocorreu por conta de sua relação conflituosa com o pai e que ela não o reconhecia como sua referência enquanto figura paterna. E não o nomeou no texto da peça de teatro, pois ela desejaria anular a presença dele em sua vida.

No entanto, em verdade, o que esse movimento representou foi a possibilidade real de ela problematizar, por meio do discurso, essa relevante questão de sua vida. Ou seja, ela criou, a partir de sua interação e reconhecimento mútuo intersubjetivo com os seus pares, as condições de possibilidade concretas para superar uma situação de violência vivenciada em sua vida familiar cotidiana. São, portanto, fragmentos do mundo da vida passíveis de serem reconstruídos por meio do reconhecimento recíproco entre os sujeitos da interação *em ato*.

Representa uma forma de se desenvolver, de maneira crítica, uma condição vivenciada pelas pessoas daquele grupo. E mais: se no mundo da vida concreta eles são vítimas desse tipo de preconceito, ao tratá-lo na história da peça, estão criando um espaço para discuti-lo (e empoderados) e se colocar “em outro lugar”, que não seja na posição de quem agride com o preconceito, mas, sim, de quem não se oprime ao percebê-lo.

Na medida em que essa manifestação se expressa por meio da fala, ela se torna objeto de discurso, passível de ser problematizada, indagada, questionada pelos sujeitos em uma determinada esfera pública. É justamente na ação de fala daquele sujeito que ele coloca em questão seu mundo da vida, ou seja, ele expõe elementos de seu mundo real, concreto e cotidiano, onde a inserção se realiza enquanto potência de vida. Participar da esfera pública também tem o condão de conferir o “estatuto de cidadão”.

Essa reflexão representa a síntese deste trabalho de pesquisa, em que sua essência se trata de reconstruir nos espaços da vida cotidiana as condições de reconhecimento intersubjetivo mediados linguisticamente para superar as situações de violência. Possibilita a problematização de fragmentos do mundo da vida dos sujeitos a fim de desnaturalizar as situações e os contextos de violência, bem como descobrir novas rotas de ação orientadas por meio da produção de consensos coletivos, rompendo uma visão que compreende o fenômeno isolado de sua totalidade histórica.

Este trabalho deve ser cotidianamente exercitado com o intuito de produzir relações baseadas na solidariedade dos sujeitos em interação para a produção compartilhada de consensos e a superação de problemas.

Novamente é possível fazer uma aproximação entre a Teoria da Ação Comunicativa e a teoria desenvolvida por Hanna Arendt, localizada especialmente em seu livro *Sobre a Violência*, em que a autora fundamenta sua afirmação ao caracterizar a violência como instrumental e ao diferenciá-la do poder (a capacidade de agir em conjunto), do vigor (que é algo no singular, como no caso do vigor físico de um indivíduo), da força (a energia liberada por movimentos físicos ou sociais), e da autoridade (o reconhecimento inquestionado que não requer coerção nem persuasão, e que não é destruído pela violência, mas, sim, pelo desprezo).

De acordo com as elaborações de Minayo *et al.* (1999), a noção de violência construída por um adolescente é constituída por um conjunto de fatores que vão desde a sua consciência de classe até a maneira como sua subjetividade processa e reage a esse conjunto de relações e estímulos.

Esse complexo processo também inclui a reflexão acerca de seu lugar na sociedade; de suas interações na escola e na família, com as mensagens veiculadas na mídia; de sua experiência com esse fenômeno; e do imaginário coletivo (GOMES *et al.*, 2013).

A apreensão da subjetividade daquele grupo em interação por meio da estratégia de criação (elaboração, invenção) do texto de uma peça de teatro mostrou-se bastante adequada aos objetivos da pesquisa e foi possível suscitar temas, como racismo, trabalho, exclusão social, dentre outros. Essa metodologia propiciou a potencialização das capacidades de elaboração coletiva de superação de situações de violência, na medida em que são abertas perspectivas de novas formas de conhecimento e transformação da realidade.

Conforme a mensagem presente na epígrafe, esta proposta de pesquisa coaduna-se com as características da fase da vida adolescente, que se caracteriza por ser um processo de busca e, ao mesmo tempo, de reconciliação com o mundo à sua volta e do qual faz parte, uma vez que possui gana de participar de sua transformação, portanto, não tolera o “*cale-se*” a que outras gerações de sujeitos históricos foram violentamente submetidas.

Este trabalho se diferencia daqueles que utilizam as categorias “fatores de risco” e “fatores de proteção”, pois entende que essas categorias lembram algo estanque e regido por uma lógica dual de causa e efeito, portanto, próximo do campo da epidemiologia dos riscos. Para fenômenos sociais de elevado grau de complexidade, como a violência em suas variadas formas de manifestação, pensamos que essa abordagem pode ser menos apropriada, podendo ser mais profícua para se pensar aspectos mais abrangentes da violência urbana, individual ou coletiva, que informa a concepção hegemônica da Promoção da Saúde, não sendo essa a perspectiva adotada para este trabalho.

Com o olhar atento para as sutilezas das interações entre os sujeitos da comunidade escolar, particularmente para as relações dialógicas estabelecidas entre os estudantes, é possível contribuir positivamente para a redescoberta das riquezas dos momentos de encontro que o cotidiano da vida escolar proporciona, com o intuito de incentivar a criação de espaços de reconhecimento mútuo para fortalecer os vínculos e consolidar as relações mais solidárias, cooperativas e respeitadas.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

**Eu acredito é na rapaziada
 Que segue em frente e segura o rojão
 Eu ponho fé é na fé da moçada
 Que não foge da fera e enfrenta o leão
 Eu vou à luta com essa juventude
 Que não corre da raia a troco de nada
 Eu vou no bloco dessa mocidade
 Que não tá na saudade e constrói
 A manhã desejada**

Gonzaguinha

O desenho teórico-metodológico desta pesquisa teve como objetivo compreender reflexivamente os sentidos atribuídos à violência por um grupo de adolescentes do ensino médio em uma escola pública de Belo Horizonte (MG), participantes da oficina *Paz e Poesia* do projeto de extensão universitária *Frutos do Morro*, na perspectiva da Promoção da Saúde e à luz da Teoria da Ação Comunicativa de Habermas.

A compreensão do conceito de Promoção da Saúde utilizada para realizar a análise do material desta pesquisa alinha-se à sua perspectiva crítica, e não normativa, em que a Promoção da Saúde busca compreender profundamente as causas das iniquidades em saúde e, a partir do enfrentamento dos determinantes sociais de saúde, realiza a transformação das condições de vida e de saúde de sujeitos e coletividades, mediante a visão integrada dos complexos problemas sociais identificados nos territórios, por meio de ações intersetoriais, participativas e com controle social. Esse tipo de abordagem foi empregado por esta ser compreendida como mais adequada ao objeto de estudo, isto é, o complexo fenômeno da violência entre adolescentes escolares de uma região periférica de Belo Horizonte (MG).

Para a realização deste trabalho, a violência foi compreendida como a fragmentação das relações sociais no cotidiano da vida das pessoas, onde impera a ação estratégica em detrimento do agir comunicativo e, portanto, isso é o que abre espaço para a manifestação da violência.

As oficinas realizadas representam o esforço em reconstruir essas relações fragmentadas por meio de ações participativas que promovam o entendimento intersubjetivo mediado linguisticamente naquele espaço da escola. Ou, como designa Madel Luz, “restaurar o tecido social comunicativo”. Isso nos permite concluir que, para este trabalho, a violência é o fracasso da linguagem.

O recorte desta pesquisa, além da estratégia mediadora da Promoção da Saúde, também utiliza os aportes da Teoria da Ação da Comunicativa de Habermas, que trata o entendimento

intersubjetivo mediado linguisticamente (MELO, 2005) como o mecanismo coordenador da interação ou ação coletiva envolvendo mais de um sujeito.

A partir da tese desenvolvida por Habermas, segundo a qual, na modernidade, percebe-se que há a colonização do mundo da vida pelo sistema, ou seja, em nosso período histórico contemporâneo, as ações estratégicas direcionadas a um fim se sobrepõem ao agir comunicativo, que é a ação coletiva, abrindo brechas para o rompimento do vínculo social, da sociabilidade dos sujeitos em interação e, assim, a violência se manifesta enquanto mediadora dessas relações.

Para a proposição e realização dessas ações, podem ser utilizadas várias estratégias que, tendo como referência a realidade social em que a comunidade está inserida e sua cultura local, envolvem atores, instituições, saberes, práticas, englobando todos os componentes ligados à saúde, como social, econômico, político, biológico, cultural, étnico-racial, espiritual, bem como as relações de poder.

No ambiente escolar, observam-se vários e distintos caminhos possíveis para promover a saúde, o que aponta para a diversidade de percursos e as especificidades locais que precisam ser consideradas e respeitadas, além de incentivadas pela reflexão e problematização. É nesse conjunto de trabalhos que essa pesquisa se insere e compartilha esse campo de conhecimentos com uma série de outros trabalhos e projetos de pesquisa e intervenção.

O trabalho de campo da pesquisa consistiu na realização de 13 encontros, cujos objetivos eram promover e criar de espaços de interação, por meio de metodologias participativas (oficinas), em que os adolescentes pudessem reconstruir as relações intersubjetivas linguisticamente mediadas e baseadas no reconhecimento mútuo e solidário. Foram utilizadas como técnicas de coleta de dados a “observação participante” e o “diário de campo”. Para a análise dos dados, foi empregado o método hermenêutico-dialético. Os resultados da pesquisa foram apresentados de forma agrupada em duas categorias: *Diálogo na escola mediado pela violência e Violência superada pelo diálogo*.

A análise dos dados da pesquisa foi realizada a partir dos achados da “observação participante” e do “diário de campo” e dos temas presentes no texto da peça de teatro produzida pelos estudantes, à luz dos referenciais teóricos da pesquisa: a Teoria da Ação Comunicativa e a Promoção da Saúde.

A realização desta pesquisa envolveu a participação de 12 adolescentes escolares do EMOC, uma pedagoga, uma farmacêutica (pesquisadora no Núcleo de Promoção da Saúde e

Paz) e quatro estudantes de graduação do curso de Medicina da UFMG, que eram bolsistas ou participantes do projeto *Frutos do Morro*.

Pelos resultados da pesquisa, foi possível perceber que os adolescentes pesquisados compartilham dos mesmos sentidos acerca da violência, uma vez que estão inseridos em um mesmo contexto de intervenção e residem no mesmo território nas imediações da Escola Municipal Oswaldo Cruz (EMOC). Desse modo, é possível dizer que esse grupo de adolescentes compartilha de uma mesma cultura, em termos mais amplos.

Ainda com relação aos adolescentes que compunham esse grupo, pode-se dizer, ao refletir sobre o tema da violência, que foi possível tocar em temas referentes às suas próprias vidas e, assim, realizar uma relação intra e extramuros da escola. São questões do mundo da vida dos sujeitos adolescentes, como, trabalho, racismo, relações familiares, pobreza, dentre outras. A superação da violência está relacionada com a reconstrução de espaços participativos e com a criação de vínculos mais solidários, com base no reconhecimento intersubjetivo linguisticamente mediado, por exemplo, as oficinas nas escolas.

Os resultados da pesquisa também contemplam os objetivos do Projeto de pesquisa *Promoção de Saúde e Prevenção da Violência*, do Núcleo de Promoção da Saúde e Paz (DMPS/FM/UFMG), aprovado em edital do Programa de Extensão Universitária (PROEXT) 2011.

Os resultados apresentados permitem apontar algumas limitações da pesquisa, dentre as quais, pode-se citar: (1) a questão da sustentabilidade, ou seja, tornar esse tipo de iniciativa uma ação perene na escola; (2) a interação com todos os atores presentes no cotidiano da escola (comunidade escolar) e interação com a comunidade no território em que a escola está localizada para estabelecer vínculos com o serviço de saúde e demais aparelhos sociais presentes no território, a fim de promover a criação de redes intersetoriais de apoio social para proteger crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência.

Durante o trabalho de campo, houve a necessidade de envolver de maneira mais efetiva e sustentável toda a comunidade escolar e, ao mesmo tempo, articular e potencializar as iniciativas que já estão em andamento na escola, como as ações do Programa Saúde na Escola (PSE) do Ministério da Saúde (MS).

Assim, é fundamental que sejam valorizados e otimizados os espaços de participação e controle social como os Conselhos Distritais de Saúde, Conselho Municipal de Saúde, Conselhos Escola- Comunidade e Conselhos de Direitos e Tutelares, entre outros.

O Ministério da Saúde publicou importante documento intitulado *Linha de cuidado integral para o atendimento de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violência*.

Trata-se de um material com uma abordagem pedagógica inovadora e de suma importância para a organização do processo de trabalho, sendo de bastante valia para profissionais e gestores de políticas públicas que atuam no enfrentamento da violência.

Apesar das limitações da pesquisa, esta se constituiu um espaço que propiciou conhecer a realidade local, transitar no território da escola, articular ações de forma participativa com os adolescentes, compartilhar conhecimentos acerca do tema violência e formas reflexivas de sua superação.

A participação dos graduandos do curso de Medicina em todo o processo de elaboração da pesquisa, desde a concepção teórico-metodológica, com participação nas reuniões de orientação, até a parte operacional de organização e realização das oficinas na escola, foi assimilada como uma grande oportunidade de vivenciar experiências de pesquisa e extensão universitária no projeto *Frutos do Morro*, tendo sido considerada como um importante espaço para a formação integral, articulando a parte humanista à técnica e expandindo a consciência política desses graduandos.

Por esse motivo, a participação em projetos de extensão também contribuiu para a formação acadêmica desses graduandos, sobretudo em temas, como Metodologia de Pesquisa; Saúde Pública e Promoção da Saúde; Risco e Violência; Violência e Promoção da Cultura da Paz. E, principalmente, contribuiu para a vivência de imersão na realidade local para conhecer o território de uma escola, o contato com experiências pedagógicas alternativas e transformadoras com a inserção da literatura e do teatro, bem como as possibilidades de desempenho do profissional de saúde nesse espaço da vida social que, também, é um espaço de produção de saúde.

A realização da pesquisa propiciou a participação em uma experiência interdisciplinar de produção e integração de saberes acadêmicos e populares para a resolução de problemas do cotidiano dos adolescentes escolares do EMOC, sendo essa a perspectiva da Promoção da Saúde, subsidiada pela concepção ampliada de saúde e socialmente coproduzida.

Conforme foi dito nas considerações iniciais, este trabalho não tem a pretensão de esgotar toda a discussão possível sobre a Prevenção da Violência e a Promoção da Saúde na Escola, mas, sim, apontar caminhos e questões para novas pesquisas, bem como promover um debate acerca do tema.

A aproximação da Teoria da Ação Comunicativa com os princípios de uma Promoção da Saúde em sua perspectiva crítica mostrou-se profícua para a análise dos dados da pesquisa, sendo possível realizar a operacionalização de uma iniciativa prática de sua aplicação, isto é, a

realização das oficinas como espaço de prevenção da violência e promoção da saúde por meio de uma estratégia mediadora das relações sociais em conflito, em que se privilegiou a ação coordenada por meio do reconhecimento intersubjetivo mediado linguisticamente.

Importante também ressaltar que a experiência de trabalho e pesquisa propiciada pela realização do Mestrado Profissional em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência tem muito a contribuir para a minha prática profissional como referência técnica para a área temática de Violências, Acidentes e Promoção da Cultura da Paz, no âmbito da gestão na Diretoria de Promoção à Saúde e de Agravos Não Transmissíveis da Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, com o intuito de aperfeiçoar a elaboração e implementação de políticas públicas do setor.

Retomando a metáfora da teia desenvolvida no capítulo de considerações iniciais, em que foi citada a origem comum das palavras “texto” e “tecido” com a realização do trabalho de campo e a coleta de material para análise, percebemos que os diálogos possíveis, que deram origem à tessitura do texto, constituem uma poética da diversidade. Inspirada na própria realidade local e nos atores daquele território (mundo da vida), foi possível transformar a fragilidade humana (provocada pela violência) em uma narrativa (poética) do movimento em busca da compreensão de sua própria identidade de sujeito histórico.

As ações de Promoção da Saúde na escola que se apoiam na Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, conforme verificado por esta pesquisa, propiciaram uma riqueza de problematizações sobre o tema e mostraram que o trabalho (teórico e prático) em Promoção da Saúde sob a perspectiva das categorias habermasianas pode ser bastante promissor na busca por melhores condições de saúde.

A perspectiva da Promoção da Saúde, a partir do enfoque habermasiano, trata-se de um referencial para a reflexão e a ação, e não necessariamente um ideal passível de realização plena em todas as realidades possíveis. Nesta pesquisa é compreendida como uma aposta certa na capacidade de autonomia e emancipação dos adolescentes como sujeitos de direitos para a busca compartilhada de soluções para o enfrentamento da violência e construção de uma cultura de paz na escola. Houve uma alegria generalizada em todo o grupo quando uma das adolescentes informou que havia conseguido ser aprovada no vestibular para o curso de Direito em uma faculdade particular de Belo Horizonte (MG). Essa possibilidade de vislumbrar uma perspectiva de futuro e conseguir realizá-la nos informa que há muita potência de vida dentro desses adolescentes com vontade de se realizar. Espero que tenhamos conseguido contribuir ao

menos um pouco para essa conquista. Pois, como disse o Gonzaguinha, “eu acredito é na rapaziada”.

10. REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. *Sobre a Violência*. 3ª ed. (A. Duarte, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ARTMANN, E. Interdisciplinaridade no enfoque intersubjetivo habermasiano: reflexões sobre planejamento e AIDS. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2001.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BLEICHER, J. *Hermenêutica contemporânea*. Lisboa: Ed. 70, 1980.

BRASIL. A promoção da saúde no contexto escolar. Projeto Promoção da Saúde/Secretaria de Políticas de Saúde/Ministério da Saúde. *Revista de Saúde Pública*, v. 36, n. 4, p.533-535, 2002.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. *As Cartas da Promoção da Saúde*. – Brasília: Ministério da Saúde 2002.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRIGAGÃO, Jacqueline Isaac Machado; GONÇALVES, Roselane. Oficinas de promoção de saúde: discutindo os dilemas do cotidiano de um grupo de agentes comunitárias de saúde. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 19, n. 44, dez. 2009.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciênc. & Saúde Coletiva*, v.6, n. 1, p.163-177, 2000.

_____. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. *Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003, p. 15-38.

CAMPOS, F. C.; Teixeira, P. F. *Promoção de saúde na atenção básica no Brasil*. [site da internet].2005 [acessado em 9 de janeiro de 2012]. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/geral/promocao_saude_ab.pdf>.

CARVALHO A. I. Princípios e prática da promoção da saúde no Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.4-5, jan, 2008.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In Czeresnia, D, Freitas C. M. (Orgs.). *Promoção da Saúde: conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003.

FIGUEIREDO, T. A. M.; MACHADO, V. L. T.; Abreu, M. M. S. A saúde na escola: um breve resgate histórico. *Ciênc & Saúde Coletiva*, v. 15, n. 2, p.397-402, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADAMER, H. G. *Verdade e Método*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GALLO, Alex Eduardo; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 38, n. 133, abr. 2008.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. Sobre Jürgen Habermas e Michel Foucault. *Trans/Form/Ação, Marília*, v. 36, n. spe, 2013.

HABERMAS, J. *Teoria do Agir Comunicativo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HONNETH, A. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo, Editora 34, 2003.

JUNQUEIRAI, Túlio da Silva *et al.* Saúde, democracia e organização do trabalho no contexto do Programa de Saúde da Família: desafios estratégicos. *Rev. Bras. Educ. Med.*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, mar. 2009.

MARCONDES, W. B. A convergência de referências na promoção da saúde. *Saúde e Sociedade*, v.13, n.1, p.5-13, jan-abr 2004.

MARRIEL, Lucimar Câmara *et al.* Violência escolar e autoestima de adolescentes. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 36, n. 127, abr. 2006.

MELO, E. M. Ação comunicativa, democracia e saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva* [online]. 2005, vol.10, suppl. [citado 2011-06-16], pp. 167-178.

_____. Ação comunicativa, democracia e saúde. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, supl. dez. 2005.

MELO, Elza Machado de *et al.* A violência rompendo interações: as interações superando a violência. *Rev. Bras. Saúde Mater. Infant.*, Recife, v. 7, n. 1, mar. 2007.

MELO, Elza Machado de *et al.* Projeto Meninos do Rio: mundo da vida, adolescência e riscos de saúde. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, fev. 2005.

MENDES, Corina Helena Figueira. Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, nov. 2011.

MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa qualitativa. In: _____, organizadora. *Pesquisa Social: teoria, método, criatividade*. 21ª ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

_____. *Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO; 1992.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Carta de Ottawa*. Brasília: Ministério da Saúde, 1996.

REIS, I. N. C. & VIANNA, M. B. Proposta e análise de indicadores para reorientação do serviço na promoção da saúde: um estudo de caso no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. *Ciênc. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, set. 2004.

SOARES, Sônia Maria; SILVA, Líliam Barbosa; SILVA, Patrícia Aparecida Barbosa. O teatro em foco: estratégia lúdica para o trabalho educativo na saúde da família. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, dez. 2011.

SPINK, M. J. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 2004.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R.; RIVERA, F. J. U. & SIEBENEICHLER, F. B. Healthcare organizations, linguistic communities, and the emblematic model of palliative care. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, jul. 2007.

ZALUAR, A. M. *A Máquina e a Revolta*. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ANEXO A – Panfleto para divulgação da oficina

Faculdade de Medicina da UFMG**Oficina: Paz e Poesia**

Você gosta de escrever?

Você gosta de teatro?

Você gosta de fotografia?

Então venha participar das oficinas do projeto *Frutos do Morro* com a gente!

Vamos descobrir juntos novas formas de perceber o mundo a nossa volta!

Os encontros serão realizados todas as quintas-feiras, às 19 horas, aqui no EMOC.

Aguardamos vocês!!!!

Equipe do projeto Frutos do Morro



ANEXO B - Carta de Apresentação

Belo Horizonte, ____ de _____ de 20__.

Senhores pais,

Estamos sempre construindo, a cada momento, novas propostas de ação educativa, que possibilitem a formação de sujeitos e cidadãos integrantes de uma sociedade.

Fazemos parte do projeto de extensão, ensino e pesquisa intitulado *Frutos do Morro*, desenvolvido pela **Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG**, em parceria com escolas públicas de BH.

Não estamos sozinhos nessa tarefa; afinal, toda a comunidade educativa almeja tornar a sociedade mais justa e humana. Nesse construir coletivo iremos vivenciar, conversar, trocar ideias.

Para isso, apresentamos o Termo de Autorização e solicitamos seu preenchimento para viabilizar a participação do adolescente na(s) oficina(s) _____ que realizará (ão) suas atividades na Escola _____. A(s) oficina(s) desenvolve(m) atividades formadoras de sujeitos por meio de atividades esportivas e discussão reflexiva sobre temas como **identidade, integração, comunicação, formação de grupo, sexualidade, cidadania, projetos de vida, sociedade, juventude, educação, violência**, dentre outros temas de importância para o adolescente, de forma interativa, lúdica, criativa e transformadora. As atividades da(s) oficina(s) serão aplicadas pelosicineiros _____

_____. As atividades serão desenvolvidas no período letivo da escola e terão início no dia _____, acontecerão no horário: _____, com frequência _____ (_____).

Atenciosamente,

Elza Machado de Melo
Coordenadora do Projeto



ANEXO C - Termo de Autorização

Eu, _____, portador(a) da carteira de identidade _____, responsável pelo adolescente _____, autorizo a sua participação nas atividades do projeto *Frutos do Morro-UFMG*, estando ciente de suas atividades, como também dos conteúdos, a serem desenvolvidos pelosicineiros na Escola _____. A presente autorização se estende a todos os encontros do grupo e as demais atividades a serem desenvolvidas como parte do processo educativo para a formação humana.

Autorizo também que o material produzido pelo menor, junto ao grupo de oficineiros, seja na forma de fotos, vídeos, registros escritos e/ou produções artísticas e culturais, seja divulgado no meio acadêmico para fins do ensino, confecção de artigos e eventos científicos e também no espaço escolar parceiro do projeto *Frutos do Morro*.

Atenciosamente,

Responsável pelo menor

Data: / /



ANEXO D - Roteiro “Observação Participante” – Projeto Adolescente

Pontos a serem observados:

- a) Gestos feitos pelos adolescentes.
- b) Expressões faciais e corporais denotam espanto, surpresa, desprezo ou indiferença.
- c) Modo de vestir (acessórios, uniforme, etc.).
- d) Atitudes, modos de relacionar, preferência, vínculos, parcerias.
- e) Linguagem.
- f) Fala dos adolescentes:
 - 1) Encadeamento lógico de ideias diante dos temas propostos.
 - 2) Arranjo de sequências.
 - 3) Tipo de discurso (eloquente, reticente, etc.).
 - 4) Palavras-chaves do discurso dos adolescentes (incluir gírias, códigos).
 - 5) Expressões que se repetem.
 - 6) As reações – verbais e não verbais – a determinadas situações e estímulos.
- g) Impacto da atividade;
 - 1) Registrar críticas.
 - 2) Verificar a importância dos prêmios para a mobilização e participação.
- h) Observações específicas:
 - 1) Observar se há pessoas brigando ou se há hostilidade.
 - 2) Frequência de brigas.
 - 3) Como as discussões se resolvem.
 - 4) Observar se há pessoas usando drogas (incluir álcool e cigarro).
 - 5) Você presenciou algum fato que o (a) marcou, emocionou, irritou?
 - 6) Você identificou algo que para você é surpreendente, ofensivo ou elogioso, mas normal ou pessoal? E o contrário, algo que é normal para você e especial.
- i) Realização de uma reunião crítico-reflexiva após a oficina entre osicineiros.

ANEXO E - Da paz

Eu não sou da paz. Não sou mesmo não. Não sou. Paz é coisa de rico. Não visto camiseta nenhuma, não, senhor. Não solto pomba nenhuma, não, senhor. Não venha me pedir para eu chorar mais. Secou. A paz é uma desgraça. Uma desgraça. Carregar essa rosa. Boba na mão. Nada a ver. Vou não. Não vou fazer essa cara. Chapada. Não vou rezar. Eu é que não vou tomar a praça. Nessa multidão. A paz não resolve nada. A paz marcha. Para onde marcha? A paz fica bonita na televisão. Viu aquele ator? Se quiser, vá você, diacho. Eu é que não vou. Atirar uma lágrima. A paz é muito organizada. Muito certinha, tadinha. A paz tem hora marcada. Vem governador participar. E prefeito. E senador. E até jogador. Vou não. Não vou. A paz é perda de tempo. E o tanto que eu tenho para fazer hoje. Arroz e feijão. Arroz e feijão. Sem contar a costura. Meu juízo não está bom. A paz me deixa doente. Sabe como é? Sem disposição. Sinto muito. Sinto. A paz não vai estragar o meu domingo. A paz nunca vem aqui, no pedaço. Reparou? Fica lá. Está vendo? Um bando de gente. Dentro dessa fila demente. A paz é muito chata. A paz é uma bosta. Não fede nem cheira. A paz parece brincadeira. A paz é coisa de criança. Tá uma coisa que eu não gosto: esperança. A paz é muito falsa. A paz é uma senhora. Que nunca olhou na minha cara. Sabe a madame? A paz não mora no meu tanque. A paz é muito branca. A paz é pálida. A paz precisa de sangue. Já disse. Não quero. Não vou a nenhum passeio. A nenhuma passeata. Não saio. Não movo uma palha. Nem morta. Nem que a paz venha aqui bater na minha porta. Eu não abro. Eu não deixo entrar. A paz está proibida. A paz só aparece nessas horas. Em que a guerra é transferida. Viu? Agora é que a cidade se organiza. Para salvar a pele de quem? A minha é que não é. Rezar nesse inferno eu já rezo. Amém. Eu é que não vou acompanhar andor de ninguém. Não vou. Não vou. Sabe de uma coisa: eles que se lasquem. É. Eles que caminhem. A tarde inteira. Porque eu já cansei. Eu não tenho mais paciência. Não tenho. A paz parece que está rindo de mim. Reparou? Com todos os terços. Com todos os nervos. Dentes estridentes. Reparou? Vou fazer mais o quê, hein? Hein? Quem vai ressuscitar meu filho, o Joaquim? Eu é que não vou levar a foto do menino para ficar exibindo lá embaixo. Carregando na avenida a minha ferida. Marchar não vou, ao lado de polícia. Toda vez que vejo a foto do Joaquim, dá um nó. Uma saudade. Sabe? Uma dor na vista. Um cisco no peito. Sem fim. Ai que dor! Dor. Dor. Dor. A minha vontade é sair gritando. Urrando. Soltando tiro. Juro. Meu Jesus! Matando todo mundo. É. Todo mundo. Eu matava, pode ter certeza. A paz é que é culpada. Sabe, não sabe? A paz é que não deixa.

Marcelino Freire